



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA/LÍNGUA INGLESA**

FABÍOLA DE OLIVEIRA MACEDO

**CONTOS DE FADA:
DISTORÇÕES E IMPLICAÇÕES NO ÂMBITO DA SUBJETIVIDADE**

LAGES – SC

2022

FABÍOLA DE OLIVEIRA MACEDO

**CONTOS DE FADA:
DISTRORÇÕES E IMPLICAÇÕES NO ÂMBITO DA SUBJETIVIDADE**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto
Catarinense – Uniplac, como parte dos requisitos
para a conclusão do Curso de Graduação de
Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa/Língua
Inglês.

Orientador (a): Prof. Me. Maria Cândida Melo
Pereira

LAGES – SC

2022

FABÍOLA DE OLIVEIRA MACEDO

**CONTOS DE FADA:
DISTORÇÕES E IMPLICAÇÕES NO ÂMBITO DA SUBJETIVIDADE**

Monografia apresentada à Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac, como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Graduação de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa/Língua Inglesa.

() Aprovado () Reprovado Nota: _____

Lages, _____ de _____ de 2022.

Banca examinadora:

Orientador (a) Prof. Me. Maria Cândida Melo Pereira

Prof. Me. Carlos Eduardo Canani

Prof. Me. Kátia Marlowa Bianchi Ferreira Pessoa

DEDICATÓRIA

À Deus que em sua infinita bondade, me proporcionou saúde para estar aqui concluindo este tão sonhado trabalho, em um momento pandêmico e difícil para nossa população. Dou graças por minha família não ter sido afetada.

À minha família, que não há exemplo maior de dedicação e o apoio recebido.

À Minha mãe a qual amo com todas as minhas forças.

Ao meu amor que juntos trilhamos essa caminhada.

Ao meu amor eterno, meu pai (*in memorian*) que foi minha estrutura por muitos anos e por ele que sou a pessoa que me tornei.

Aos meus irmãos, que cada um a sua maneira contribuiu para eu estar aqui, me apoiando nas brincadeiras e no orgulho o qual sei que sentem por mim.

A minha sobrinha, coração que bate fora do meu peito

A quem colaborou diretamente comigo minha orientadora sem a qual não teria concluído essa tarefa.

E ao Professor de Monografia do curso, que auxiliou a concluir e destravar a escrita deste trabalho.

Aos colegas e professores que nos apoiaram para partilharmos dúvidas, reflexões e principalmente aprendizado, em especial meu Trio Uniplac predileto.

AGRADECIMENTOS

Eber, por você aceitar esse desafio e estou aqui concluindo essa pesquisa, amar é estar ao lado de uma pessoa em todos os momentos, portanto amo você.

Agradeço imensamente a minha família pela prioridade e oportunidade que me deram com a educação, apoiando em cada projeto de estudo, minha mãe Laide que nos espera chegar sempre com um chá ou uma sopa quente, lembranças vieram de quando na minha primeira formação meu pai Altamiro fazia esse papel, hoje tenho plena certeza que está lá no céu a estrela mais brilhante que me guia aqui na terra e ainda iremos nos encontrar. E era um exímio contador de piadas e contos, por esse motivo o interesse no meu tema.

Aos meus irmãos, Eder e Sandro e minha sobrinha Kemily pela amizade e atenção dedicadas quando sempre precisei.

Sou grata pela confiança depositada na minha proposta de tema pela minha professora Maria Cândida, orientadora do meu trabalho. E ao professor de monografia Carlos Eduardo Canani. Obrigada por me manterem motivada durante todo esse processo.

Com muita satisfação agradecer à Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac e o seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino e aos profissionais da biblioteca que sempre de bom humor e atenção para o auxílio na pesquisa bibliográfica.

Também agradeço a minha amiga Fernanda que sempre esteve presente no processo e caminha do curso e em especial aquela “olhadinha” no trabalho.

Andressa, minha amiga que tanto admiro por sua amizade e seu profissional, o qual precisei ficar um pouco distante no processo de escrita.

E a todos que de certa forma contribuíram cada um de sua maneira, não só para esse trabalho, mas também para toda a minha jornada acadêmica.

*“Um conto de fadas”!
“Cada um de nós esconde dentro de si um
conto de fadas que é incapaz de ler sozinho;
precisa de alguém que, com admiração e
encantamento nos olhos, leia esta história
prá ele”.*

Pablo Neruda

RESUMO

Este trabalho apresenta a análise das obras referentes a intertextualidade dos textos A verdadeira história de “Chapeuzinho Vermelho” de Agnese Baruzzi e “A fada de tinha ideias” de Fernanda Lopes de Almeida, estabelecendo entre elas um comparativo de contos modernos, com o objetivo de apresentar brevemente os contos e suas narrativas, novos contos de fadas e a análise das histórias, bem como suas ilustrações e o significado encontrado nas histórias e contos, visualmente por meio de figuras apresenta-se os elementos das narrativas e as características de cada uma. No primeiro conto, como o mais tradicional que foi reescrita com um retrato significativo e mais moderno e a outra atemporal ressignificando que nem todos os contos têm fada e a fadinha procura sempre o novo, novas perspectivas. Deste modo, o trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica com a coleta de dados em livros e artigos, com o apoio teórico de autores como Bruno Bettelheim, Nelly Novaes Coelho, entre outros. Foram analisados, aspectos como, os personagens, o enredo e o contexto histórico de cada uma das obras. Com a realização desse trabalho são apresentados resultados relevantes para a Literatura Infantil e sua contemplação no ensino médio.

Palavras-chave: Chapeuzinho Vermelho. Fada. Contos. Ilustrações.

ABSTRACT

This work presents the analysis of the works referring to the intertextuality of the texts The true story of “Red Riding Hood” by Agnese Baruzzi and “The fairy de had ideas” by Fernanda Lopes de Almeida, establishing between them a comparison of modern tales, with the objective of briefly presenting the tales and their narratives, new fairy tales and the analysis of the stories, as well as their illustrations and the meaning found in the stories and tales, visually through figures, the elements of the narratives and the characteristics are presented. of each. In the first tale, as the most traditional one, rewritten with a significant and more modern portrait and the other timeless, resignifying that not all tales have a fairy and the fairy is always looking for new perspectives. In this way, the work was carried out through bibliographic research with data collection in books and articles, with the theoretical support of authors such as Bruno Bettelheim, Nelly Novaes Coelho, among others. Aspects such as the characters, the plot and the historical context of each of the works were analyzed. With the accomplishment of this work, relevant results are presented for Children's Literature and its contemplation in high school.

Keywords: Little Red Riding Hood. Fairy. Tales. Illustrations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sinopse do livro: A verdadeira história de Cachinhos Dourados	32
Figura 2: Sinopse do livro: A Verdadeira História de Chapeuzinho.....	33
Figura 3: Capa do livro - A Fada Que Tinha Ideias	45
Figura 4: Brincadeira de modelar as nuvens	46
Figura 5: Fadinha e Relampagozinho.....	47
Figura 6: A Verdadeira História de Chapeuzinho Vermelho.....	49
Figura 7: Bilhete do Lobo no envelope.....	49
Figura 8: Bilhete do Lobo á Chapeuzinho	50
Figura 9: Conversa por telefone	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparativo dos dois contos	57
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – CONTOS E SUAS NARRATIVAS.....	14
1.1 ESTRUTURAS DAS NARRATIVAS.....	14
1.2 ERA UMA VEZ OS CONTOS DE FADA... EM BREVE RELATO	16
1.3 E ASSIM SE FAZ... OS CONTOS	19
1.4 PARA SEMPRE FELIZ... CONTOS DE FADA E CONTOS MARAVILHOSOS E AS RELAÇÕES EXISTENTES ENTRE MAGIA E REALIDADE	20
1.5 AS AVENTURAS EM... OS CONTOS E O PROCESSO DA SUBJETIVIDADE.....	22
1.6 MORAL DA HISTÓRIA EM... A FUNÇÃO DOS CONTOS DE FADAS	24
1.6.1 Os contos de fada como incentivo à leitura	26
1.7 INTERTEXTUALIDADE NOS CONTOS DE FADA.....	28
CAPÍTULO 2 - NOVOS CONTOS DE FADAS	31
2.1 OS CONTOS DE FADA EM AGNESE BARUZZI E SANDRO NATALINI	31
2.1.1 Análise da história “A verdadeira história de chapeuzinho vermelho”	34
2.1.2 A intertextualidade na obra (releituras)	38
2.2 OS CONTOS DE FADA EM FERNANDA LOPES DE ALMEIDA	40
2.2.1 Análise da história “a fada que tinha ideias”	41
2.3 ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES	44
CAPÍTULO 3 - O SIGNIFICADO ENCONTRADO NAS HISTÓRIAS E CONTOS..	52
3.1 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE AS HISTÓRIAS	52
3.2 COMPARATIVO DOS CONTOS “A VERDADEIRA HISTÓRIA DO CHAPEUZINHO VERMELHO” E “A FADA QUE TINHA IDÉIAS”	55
3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO E RELEVÂNCIA SOCIAL DAS HISTÓRIAS	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	65

INTRODUÇÃO

O trabalho discorre-se por meio do tema: Contos de Fadas: Distorções e implicações no âmbito da subjetividade, para que possa despertar interesse e cativar o leitor/aluno em uma linguagem que remete ao imaginário, pois os contos fascinam quem os lê em um mundo de fantasias e idealizações.

Para ler e se inspirar, entre a magia e o real, diante do moderno, assim faz os contos de fadas, que partiu do pressuposto da interação e conversas no seio de diferentes povos, que passou dos contos maravilhosos aos contos adaptados e suas novas versões, na procura do novo de uma forma mais interativa para a leitura e essas que sejam prazerosas para serem realizadas entre pais e filhos, professores e alunos.

Abordam-se reflexões e inovações como um convite para que se façam mais leituras e contemplar as aventuras que se vivencia a partir da literatura em especial contos modernos, e esses possam inspirar o prazer e o gosto da leitura desde a infância, assim, o acesso à leitura e ressignificações dos contos, bem como o poder que ele pode ter para atrair a curiosidade e criticidade desde crianças bem pequenas. Então foi a partir desse momento que se inspirou a escrita deste trabalho com intuito de disseminar cada vez mais a literatura de contos, partindo de novas versões de contos de fada que instigam adolescentes a procurar a leitura por prazer, e quem sabe a curiosidade por meio dos intertextos, como por exemplo, o levantamento das hipóteses em questão que essa pesquisa foi norteadada.

Assim, faz-se o seguinte questionamento: Qual a influência dos contos de fadas contemporâneos na educação infantil e até chegar ao ensino médio? Faz-se necessário, pois, aprimorar a habilidade de leitura e escrita, porque auxilia desde cedo na formação do caráter infantil e a partir disso se espera que a magia aconteça e qual levou a relevância do tema.

A aventura humana e a aprendizagem da vida reúne nas novas narrativas, e os objetivos proposto apresentam resultados do Era uma vez...Em proporcionar práticas de leitura envolvendo os contos de fada e suas novas versões de uma maneira lúdica e assim desenvolver o pensamento crítico, aguçando a imaginação. Para tanto, com a finalidade de dar um norte a pesquisa e chegar a uma conclusão acerca da problemática, formulou-se o seguinte objetivo geral: descobrir como a linguagem utilizada nos contos de fadas atuais, influencia na formação do aluno, bem como a importância dos clássicos na formação leitora das crianças e adolescentes, visto que pode atribuir a qualquer uma das fases de formação, a presença do lúdico e da construção da imaginação.

Partindo da premissa em que os contos de fada, nos objetivos específicos elaborados, contemplam-se as aventuras do maravilhoso que são: Despertar o interesse e cativar o leitor/ aluno em uma linguagem que remete ao real e imaginário, aprimorando a capacidade criativa e reflexiva do ser humano; Analisar reflexões e inovações como um convite para fazer mais leituras, em especial dos contos modernos por meio dos intertextos e sua subjetividade e esses possam inspirar desde a infância; Conduzir o leitor a uma experiência única na percepção do lúdico e reflexivo, para que assim possa analisar as diferenças entre as obras: A verdadeira história da Chapeuzinho e a Fada que tinha ideias.

Deste modo, considerando a importância de motivar o interesse das crianças, bem como de suas famílias, para ampliar o desenvolvimento da imaginação, do faz de conta, vivenciando por meio dos contos e possibilitar dessa leitura um encantamento, uma viagem conhecendo o outro mundo tornando mágico e rico em sua cultura. Percebe-se com a convivência de nove anos no ramo, a importância de projetos de leitura envolvendo a família e escola, quando essa se faz presente os alunos tem mais interesse em leituras, tornando cada vez mais críticos e reflexivos, por essa razão este projeto foi fruto de inspiração e é relevante e pertinente levando em conta a importância da leitura desde a primeira infância, bem como que a magia dos contos pode trazer para o imaginário infantil.

Certamente, é necessário levar em conta a importância desses modos de leitura a partir da educação infantil e até a sua contemplação no Ensino Médio, perceber no cotidiano escolar os impactos que ela proporciona na formação do estudante, seu ponto de partida na investigação do leitor integrado em uma sociedade alfabetizada nas formas de aprendizagem, com ações educativas para favorecer a formação do leitor.

Quanto ao método utilizado será a metodologia de pesquisa bibliográfica, pois baseado em autores e citações renomadas construiu-se os capítulos do presente trabalho.

Em relação aos capítulos abordados no trabalho, no primeiro será contextualizado a caracterização dos contos, suas narrativas e um breve relato sobre a sua origem. Ainda, apresenta os contos maravilhosos na relação existente entre magia e realidade, bem como o seu processo da subjetividade e do incentivo à leitura.

Por sua vez, o segundo capítulo tratará sobre o novos contos de fadas, análise das escritas e ilustrações da verdadeira história da “Chapeuzinho Vermelho” e da “fada que tinha ideias”. Além disso, versa acerca da releitura, sua intertextualidade, isto é, retratando características comuns da escrita original.

Por fim, o terceiro capítulo será discutido, de maneira mais acurada, o significado nas histórias e contos, bem como a aproximação e distanciamento entre ambas. Nesse

processo, será comentado sobre o tempo, espaço, personagens, narrador e enredo. Ao final, contextualizar-se-á a relevância social das histórias para que essas obras possam gerar identificação em qualquer pessoa de todas as faixas etárias, auxiliando novos pesquisadores a agregar conhecimento.

CAPÍTULO 1 – CONTOS E SUAS NARRATIVAS

No mundo das histórias infantis, o estilo do autor, como se percebe, costuma refletir na maneira em que ele estrutura e organiza a narrativa dentro do conto.

Com o passar do tempo foram surgindo as mais variadas formas de se contar uma história e esta característica também se encontra nos contos de fadas clássicos. Desse modo, as descrições dos personagens, ricos ou não, às vezes com intenção do antagonismo entre eles, ou mera figuração, podem ser importantes recursos no enredo por meio da interação e prender-se com a atenção do leitor na narrativa.

Com um olhar mais atento, também é possível perceber a função das aventuras das personagens e como elas envolvem os aspectos do enredo com os quais o autor está desenvolvendo, dando continuidade na história.

1.1 ESTRUTURAS DAS NARRATIVAS

Alguns elementos como o encantar, o cativar e o prender a atenção são fundamentais para quem conta ou escreve um conto. “Uma história quando contada tem o poder de encantar aquele que ouve. A leitura exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação efetiva do receptor-leitor” (CUNHA, 2003, p. 47).

Portanto, para que o leitor possa ter uma boa experiência de leitura, vale ressaltar o papel da narrativa, do próprio narrador e da maneira em que a história é contada. Assim sendo, é importante destacar o papel da estrutura das narrativas e de que maneira elas são organizadas para que cumpram a função lúdica a qual o autor deseja.

Dessa forma, o narrador consiste uma figura-chave ao exercer atividades desencadeadoras da narrativa, pois ao realizar situações imaginárias favorecendo a fantasia, ele está montando o cenário onde o herói pode executar tarefas comuns e outras extraordinárias, mas, além disso, o narrador ao buscar desencadear a ativação do imaginário das crianças, ele precisa dar coerência na história e na narrativa conflitantes que trazem sentido aos contos (ZILBERMAN, 2003).

Nota-se, então, que o narrador de acordo com a forma em que aparece, possa ter um lugar próprio no contexto do conto, pois, possivelmente, sua aparição pontual ou frequente, marca os rumos que a narrativa pode tomar dali para adiante.

A narrativa pode aparecer como forma de reestruturação, individual ou de uma comunidade cujos indivíduos contam e narram histórias uns aos outros, de modo falado ou

escrito, sendo capaz de evidenciar o mundo e como forma de reconstrução de suas histórias por meio da ação e, “[...], portanto, a narrativa não é apenas o produto de um ‘ato de contar’, ela tem também um poder de efetuação sobre o que narra” (DELORY, 2012, p. 82).

Percebe-se assim que o narrador aparece como, possivelmente, um orientador dos rumos da narrativa, por meio de palavras sucintas e, geralmente, bem estruturadas, empurra o andamento do conto na direção apontada pelo autor, o qual, ocasionalmente, tem alguns desvios justamente para prender a atenção do leitor, aumentando a tensão para no momento oportuno seguinte, aliviá-la.

Sobre o ponto de vista da narrativa voltada à literatura infantil, nota-se a preocupação dos autores com a imaginação, mas também com a realidade na hora de encontrar a narrativa ideal mesmo quando se trata de uma trama complexa:

É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite à criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente; e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos. (BETTLEHEIM, 2002, p.7)

Desse modo, constata-se uma característica de cunho psicológico nos contos, ou seja, o autor pode abordar temas e problemas mais complicados de uma forma simplificada, buscando capturar a atenção da criança, mas sem que a mensagem seja perdida.

A seguinte característica da narrativa é apontada por Claude Brémont (1972 *apud* Gotlib, 2006, p. 10) “toda narrativa consiste em um discurso integrado numa sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma mesma ação”.

Dessa maneira, a narrativa em contos de fada pode ser variada e conter elementos que a situam dentro de um contexto humano em que determinadas sucessões de fatos e acontecimentos irão se desenvolver.

Mesmo depois de um século ter se passado, nos contos dos irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm) pode-se encontrar inúmeras diferenças, mas também semelhanças, pois trazem narrativas revelando o fundo histórico, e passam clareza na intenção de transmitir a crença respeitada e seguida por todos da comunidade. Vale lembrar que, os irmãos Grimm se dedicaram ao registro de várias fábulas infantis das histórias de Charles Perrault e que, segundo a autora Maria Tatar (2004) Perrault foi autor das histórias de Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, A Bela Adormecida, O gato de Botas, entre várias outras.

Ao longo do tempo, os narradores vêm adaptando suas narrativas, pois através dos questionamentos das crianças perceberam certa tendência de medo em relação ao adulto, “ater-se servilmente à forma como a estória está impressa tira muito de seu valor. A narrativa da estória para uma criança, para ser mais eficaz, tem de ser um evento interpessoal, moldado pelos que participam dela” (BETTLEHEIM, 2002, p.164).

Diante disso, verifica-se para que o conto tenha mais fluidez, seja adotado um estilo narrativo mais dinâmico e interpessoal, menos engessado e óbvio, a fim de que o narrador, o conto e o leitor conectem-se de uma maneira mais interessante.

1.2 ERA UMA VEZ OS CONTOS DE FADA... EM BREVE RELATO

As fadas fazem parte da cultura européia ocidental, conhecidas como seres fantásticos ou imaginários, muito belos, apresentando-se em forma de mulher, nasceram do amor espiritual, eterno, mágico e indestrutível vistos nas escritas dos contos em geral. A palavra fada provém “do latim, *fatum*, as fadas atestam que fazem parte do folclore europeu ocidental, conhecidas como seres imaginários” (OLIVEIRA, 2018, p. 18).

Mesmo com o passar dos anos, as fadas continuam no imaginário popular, pode-se notar o grande interesse do público em conhecer e entrar no mundo dos contos de fadas, bem como a massiva produção literária sempre presente nas livrarias, jogos, séries e filmes no momento atual.

Conforme Coelho (2003), os contos de fadas surgiram há muito tempo, através da tradição oral, mas sua valorização se concretizou há apenas alguns séculos atrás, quando os contos passaram a ser contados para as crianças de maneira lúdica, e nesse sentido, os contos de fadas encantam e cativam as crianças e adultos até na época presente. A autora relata que “foi no seio do povo celta que nasceram as fadas. Ou melhor, foi a criação poética céltico-bretã que surgiram as primeiras mulheres sobrenaturais a darem origem à linhagem as fadas”. (COELHO, 2003, p. 31). Para o autor os contos de fadas apresentavam visões e relatos de fatos reais e até mesmo de sonhos que foram contados de pessoa para pessoa e para um grupo “portas que se abrem para determinadas verdades humanas” (COELHO, 2003, p. 9).

Os contos de fadas são narrativas muito antigas, no começo não se destinavam a crianças, eram mitos difundidos por hindus, persas, gregos e judeus. Essas primeiras histórias eram caracterizadas como mitos por transmitirem expressões narrativas de conflitos

entre homem e natureza (OLIVEIRA, 2010). Assim, pode-se observar a presença da religião, dos deuses, e do caráter místico que os contos de fadas podem alcançar.

No entanto, muitos autores e estudiosos se debruçam ainda atualmente, buscando compreender o processo histórico que deu origem aos contos de fada e todo caminho que percorreu até chegar à sua enorme relevância no tempo atual, e de que maneira foi voltando-se, de forma decisiva, também para a literatura infantil.

Desse modo, no contexto histórico, Coelho (2003) relata que os contos de fada inicialmente apareceram como poemas. A primeira coletânea de contos foi publicada no século XVII, na França, no reinado de Luís XIV, e nasceram com o intuito de contar histórias aos adultos. Os estudos da literatura folclórica e popular de cada nação iniciaram-se a partir do século XIX, com destaque a Charles Perrault, com seu livro Contos da mãe Gansa (1697). Os contos inseridos neste livro são: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar.

Desde seus primeiros registros a importância lúdica dos contos, os quais podiam tratar de diversos temas, buscam encantar as pessoas. Assim, os contos caracterizavam as diferentes maneiras para deslumbrar a fantasia infantil, "narrados pelas amas, governantas e, ou, pelas "cuidadoras" das crianças, que se incumbiam de contar e perpetuar histórias de origem popular, construídas com base na cultura do povo" (SCHNEIDER & TOROSSIAN, 2009, p. 134-135).

Nas histórias, as crianças podem se identificar com os heróis e estes podem desempenhar funções fundamentais com características que podem ser absorvidas ou não:

Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas sim o fato de o herói ser extremamente atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a essa identificação, ela imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações inteiramente por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói lhe imprimem moralidade. (BETTELHEIM, 2002, p.16).

Nesse sentido, essa identificação com os personagens e heróis das histórias contribui significativamente com o desenvolvimento da criança, não importando o tempo no qual a história foi escrita ou se foi reescrita por diversos autores, o fato é de que independente da época o sentido permanece na sua essência, na sua íntegra.

Conforme Todorov (2004) os contos podem ser caracterizados pela presença de personagens, lugares e tempos não determinados historicamente e embora possa ser

recontada por diversos autores, pode permanecer intacta através dos tempos, ou pode sofrer alteração dependendo do período histórico e contexto em que é contada. No entanto, a noção do maravilhoso não se restringe aos chamados contos de fadas: no trato com o sobrenatural, o conto maravilhoso transpõe as fronteiras dos contos de fadas.

A humanização dos seres míticos é possível ser percebida como um fator que contribui para que o público se identifique e se relacione com os contos, e particularmente as crianças, seu contato com seres mágicos pode gerar em encantamento marcando sua entrada para o mundo da imaginação.

Percebe-se que, conforme a sociedade se modifica os contos, adaptam-se e alteram-se, mas a essência do imaginário permanece as adaptações que foram sendo feitas ao longo das décadas, pois o seu enredo passava a partir dos lugares em que os adultos viviam. Como exemplo, pode-se citar o conto da Bela Adormecida que foi extinta da sala de fiar em todo o reino, quando o pai da princesa descobriu o feitiço feito a ela, portanto para a proteção da Bela e não dormir para sempre o rei também mandou para o reino das fadas.

Alguns autores defendem a ideia de que os contos deveriam ser contados ao invés de lidos, assim manteriam melhor o envolvimento emocional do leitor e do ouvinte (criança) com a história “[...] se ele é lido, deve ser lido com um envolvimento emocional na estória e na criança, com empatia pelo que a estória pode significar para ela. Contar é preferível a ler porque permite uma maior flexibilidade” (BETTELHEIM, 2002, p.27).

Outro fator relevante é a importância que os clássicos têm na formação leitora das crianças e adolescentes, visto que se pode atribuir a qualquer uma das fases de formação infantil, a presença do lúdico e da construção da imaginação. Essa é uma tradição que permeia a cultura mundial, o constante contato da criança com essa literatura fantástica, que faz o leitor se identificar nos príncipes, cavaleiros, princesas, reis, bruxas, e tantos outros personagens “os contos se caracterizam por ser uma narrativa, cujos personagens heróis e, ou, heroínas enfrentam grandes desafios para, no final, triunfarem sobre o mal [...]”(SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009, p. 35).

Alguns fatores familiares ou até mesmo de cunho social, podem estar presentes nessas narrativas as quais, a um primeiro momento, podem estar figurando apenas no campo fantasioso e da imaginação. Porém, na medida em que alguns valores presentes na sociedade, preconceitos, ética, discussões de classe, entre outros, vão surgindo na narrativa, estes fatores que podem gerar uma empatia no leitor e, sendo criança surgir questionamentos que podem se tornar dúvidas reais, cabendo aos pais e educadores uma resposta adequada.

1.3 E ASSIM SE FAZ... OS CONTOS

Levando em consideração que os contos procuram buscar, com frequência, destacar alguma mazela ou conflito presente na vida ou no imaginário humano, pode-se notar uma perspectiva do significado nos contos, cuja prerrogativa inicial mostra-se algo fatídico ou não, visto que, a maneira com que é apresentada a narrativa, vai depender do enfoque do autor, e isso pode determinar a característica do conto, no caso, se irá narrar algo fantástico do mundo da fantasia, ou ter sua base em um acontecimento do convívio humano realístico, pois, conforme Gotlib (2006) diz que nos contos, os acontecimentos tomam significação e se organizam em uma série temporal estruturada na unidade de uma mesma ação.

No entanto, há vários modos de se construir esta “unidade de uma mesma ação com uma sucessão de acontecimentos” (GOTLIB, 2006, p.12). Diante disso, observa-se que a estrutura da narrativa do conto pode variar entre um acontecimento ou pode não ter um único foco específico. Logo, para o caso da literatura infantil alguns elementos importantes possam ser levados em conta:

É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, enquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (BETTELHEIM, 2002, p. 8)

O autor ao construir um conto pode abordar temas em sua narrativa que são pertinentes à realidade do público infantil, e pode-se notar a influência de grandes clássicos literários, pois possuem um conteúdo ou mensagem cativante, tanto na sua estrutura quanto no sentido de prender a atenção até sua conclusão impactante. Entretanto, o conto não se refere só ao acontecido, sem a precisão de uma ficção ou de algo que seja real, pode-se então ser inventado, sonhado e ou copiado.

Segundo Gotlib (2006) trata-se de registrar qual realidade nossa? A nossa cotidiana, do dia-a-dia? Ou a nossa fantasiada? Ou ainda: a realidade contada literariamente, justamente por isto, por usar recursos literários segundo as intenções do autor, sejam estas as de conseguir maior ou menor fidelidade, não seria já uma invenção? Não seria já produto de um autor que as elabora enquanto tal? Por isso, conforme a autora “há diferença entre um simples relato, que pode ser um documento, e a literatura. Tal como o tamanho, literatura não é documento. É literatura” (GOTLIB, 2006, p.12).

Diante desse contexto, o conto adquire várias características e elementos diferentes. A literatura infantil busca a compreensão inicial das crianças para com temas os quais podem vir a lidar cedo ou tarde em sua própria realidade, e isso os autores fazem por meio da ficção, ou seja, criam uma história original, ou muitas vezes, descrevem algo que já tenha ocorrido de fato, porém trazendo novos elementos ou adicionado pontos de vistas alternativos dentro da história.

Nesse sentido, nota-se a colocação do conto de fadas como obra artística e ser apreciada como tal. Como é uma criação que se utiliza para diversos propósitos, no conto de fadas pode-se também encontrar em sua forma e na sua função, a beleza artística imbuída pelo autor, possivelmente, utilizando dessa magia poética e lúdica, também como processo de composição:

Os contos de fadas são ímpares, não só como uma forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos. (BETTLEHEIM, 2002, p.12)

A interpretação individual que se obtém ao apreciar-se um conto de fadas, no caso da criança, é possível ser ainda mais marcante, e os autores conscientes disso podem ocultar de forma sutil o significado na maneira pacífica em que descrevem os personagens e colocam em andamento o ritmo da narrativa, ou, se for a intenção, é consentido tanto deixar em aberto a mensagem, quanto deixá-la tão clara como água ao final da história.

1.4 PARA SEMPRE FELIZ... CONTOS DE FADA E CONTOS MARAVILHOSOS E AS RELAÇÕES EXISTENTES ENTRE MAGIA E REALIDADE

Dentro do que se conhece por contos maravilhosos, identifica-se algumas características as quais se destacam como prováveis de acontecer e até mesmo, plausíveis e palpáveis em termos de realidade.

Conforme Todorov (2008) descreve que os contos maravilhosos são caracterizados pela presença de personagens, lugares e tempos não determinados historicamente, e por uma forma que, embora possa ser recontada por diversos autores, permanece quase que intacta através dos tempos. A noção do maravilhoso não se restringe aos chamados contos de fadas:

no trato com o sobrenatural, o conto maravilhoso transpõe as fronteiras dos contos de fadas, apresentando elementos diversificados, e destinam-se a todo o público, não somente ao infantil, como tradicionalmente se pensa. O autor ressalta que “os contos maravilhosos, especialmente na contemporaneidade, nem sempre iniciam com o “era uma vez...” e finalizam com o “felizes para sempre”.” (TODOROV, 2008, p. 30).

O conto de fadas pode ser nada mais do que uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais não provocam nele surpresa alguma: “seja o sono, o lobo que fala, ou mesmo os dons mágicos das fadas” (ROSA JR; THIES, 2021, p.1).

As pessoas encantam-se com as narrativas dos contos maravilhosos e os contos de fada, uma vez que lhe podem dizer coisas que invadem o coração, podendo provocar nostalgia, emoções variadas ou serem relacionadas aos deuses.

Outro aspecto que deve ser mencionado em relação aos contos de fadas é o papel da fantasia, uma vez que essa pode ser de fundamental importância para o desenvolvimento emocional da criança. “Uma criança confia no que o conto de fadas diz, porque a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua. Por essa razão, essas narrativas agradam tanto.” (BETTELHEIM, 2002, p. 59).

Conforme Gotlib (2006, p.19) “o conto simples ou maravilhoso, e o conto artístico que era chamado, a princípio, novela toscana e de moldura são, pois, duas realidades narrativas diferentes”. Assim, veem-se suas relações, mas também suas diferentes implicações no que diz respeito à classificação correta. Logo, pode-se, com base em algumas definições, chegar a algumas conclusões:

E para se chegar a alguma conclusão sobre o conto maravilhoso, em nível internacional, torna-se preciso, também, examinar estas formas fundamentais e derivadas do conto de um povo. Depois as de outro. E confrontá-las. Para se poder responder à questão: de que teor seriam estas transformações? (GOTLIB, 2006, p.23)

Nesse sentido, esses questionamentos podem ser levantados no momento destes confrontos, se tornando sucessivos ao desenrolar do acompanhamento evolutivo do conto e seus conflitos no processo das transformações. Compreende-se que tanto os contos maravilhosos como os contos de fadas são importantes para o desenvolvimento do mundo imaginário do ser humano, principalmente da criança e do adolescente. Ao lermos esses contos, comparando-os, percebemos diferentes formas de visão do homem perante a vida. Isso confirma a ideia de que as mudanças pelas quais as sociedades passam ao longo do tempo, influenciam, de maneira direta, a arte, a literatura e os costumes.

Alguns estudiosos buscam compreender o conteúdo dos contos sob o ponto de vista do contexto social em que este foi escrito, ou daquela sociedade que ele descreve: “a investigação do folclore, desenvolvida por Propp, seguindo a linha do materialismo marxista, busca explicação dos fatos no exame da realidade histórica do passado: a origem religiosa dos contos [...]” (GOTLIB, 2006, p. 25), a autora explica que segundo essa investigação de Vladimir Propp (escritor russo) o conto maravilhoso consta de “elementos que remontam a fenômenos e representações existentes na sociedade anterior às castas. [...]” (GOTLIB, 2006, p.25).

Diante disso, observa-se na tentativa da investigação, a intenção de se estabelecer um vínculo material desses primeiros contos com o cotidiano social em que estavam inseridos, ou seja, inclusive aspectos religiosos podem ser levados em conta no estudo de origem e até da continuidade do conto maravilhoso ao longo do tempo.

1.5 AS AVENTURAS EM... OS CONTOS E O PROCESSO DA SUBJETIVIDADE

A partir do gênero contos de fada consegue-se refletir sobre seus efeitos na construção da subjetividade infantil, e assim permitir e desenvolver os sentimentos e desejos particulares a interpretações por meio da subjetividade, esta pode desenvolver a expressão dos sentimentos, as preferências, pontos de vistas e julgamento que cada pessoa ocupa em diferentes papéis diante a sociedade.

É por meio dos contos de fadas que as crianças conseguem organizar de maneira mais simbólica e dar sentido aos seus significados de sua existência, sendo de relevância para que elas se tornem adultos mais seguros para viver em sociedade. E acima de tudo seres sensíveis que buscam compreender as pessoas e os contextos em que estão inseridos, para refletirem sobre suas ações (TRES *et al*, 2016).

Desse modo, o papel dos heróis tem grande relevância, pois as crianças identificam-se com eles “[...] o destino destes heróis convence a criança que, como eles, ela pode-se sentir rejeitada e abandonada no mundo, tateando no escuro, mas, como eles, no decorrer de sua vida ela será guia de passo a passo e receberá ajuda quando necessário” (BETTELHEIM 2002 p.12). Assim, as aventuras com os heróis, presentes nos contos de fadas podem auxiliar no processo de construção da subjetividade.

Conforme Farias e Rubio (2012), quando a criança se insere no mundo da fantasia de um conto de fadas, ela busca formular hipóteses para a resolução de seus problemas, além de sua experiência cotidiana, ela passa a buscar alternativas para transformar a realidade. Ainda

segundo os autores, a narrativa faz parte da vida das crianças desde muito cedo, por exemplo, quando ouvem canções de ninar e que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda ou também as narrativas curtas sobre animais e natureza. Assim, demonstram seu interesse pelas histórias, batendo palmas, sorrindo ou até mesmo imitando algum personagem.

No que diz respeito às metáforas, elas podem ser utilizadas para que a aventura não seja simplesmente uma aventura, mas que possa trazer algum tipo de reflexão, Bettelheim (2002) cita como exemplo a obra “O pescador e o gênio” em que o pescador lança sua rede quatro vezes ao mar e na primeira vez captura um asno morto, na segunda vez um cântaro com lama, no terceiro arremesso captura potes e vidros e na quarta vez pesca um jarro de cobre de onde emerge um gênio que o ameaça e quer matá-lo.

Desse modo, esta representação da realidade e expressa no comportamento da criança, pode-se refletir no modo como aprenderá a interpretar o mundo segundo seus próprios olhos, já que é possível encontrar elementos éticos, morais e outros valores presentes no contexto dos contos de fadas. Logo, há que se perceber que as narrativas são fundamentais para a formação e o desenvolvimento da criança.

Vale ressaltar que para compreender sobre suas ações e tornar adultos criteriosos, as crianças podem encontrar nos contos de fadas maneiras que refletem suas ações e contextos que estão inseridos no caminho entre o emocional e intelectual. Por meio das narrativas literárias que expressam a opinião de cada pessoa e essa possibilita a construção da subjetividade.

Pois, ao mesmo tempo em que a criança está se divertindo também está se conhecendo, uma vez que o conto de fadas possibilita a interpretação dos significados em vários níveis diferentes. Através dos contos de fadas é possível entender mais sobre problemas interiores e também encontrar soluções para eles (BETTELHEIM, 2002).

Dessa forma, os contos de fadas auxiliam na compreensão deste conceito e reflete a maneira da criança pensar e agir, então serve para solucionar seus conflitos na vida real por meio desses contos, entendendo que a fantasia, com capacidade imaginária de ser um pequeno polegar, ou um gato de botas, herói ou heroína desenvolve na criança sua subjetividade, absorvendo e refletindo ao seu cotidiano no contexto social em que insere os próprios conflitos.

Nesse sentido, a interpretação e compreensão de mundo podem ser subjetivas, ou seja, cada indivíduo forma sua própria concepção mediante sua observação e interpretação.

Assim, o autor expõe como o leitor ao ler uma história de aventura, e trazer para sua própria reflexão, como enfrentar e analisar comportamentos e desafios de forma mais subjetiva:

Por exemplo, ao discutir "João e Maria" o empenho infantil da criança em agarrar-se aos pais, mesmo sendo tempo de se defrontar com o mundo por conta própria, é enfatizado, bem como a necessidade de transcender a primitiva oralidade, simbolizada pela fascinação infantil com a casa de biscoitos de gengibre. Assim, pareceria que este conto de fadas tem mais a oferecer à criancinha prestes a dar seus primeiros passos para o mundo. Incorpora suas ansiedades e oferece reassseguramento sobre esses medos, porque mesmo em sua forma mais exagerada - ansiedade de ser devorado- revelam-se injustificáveis: as crianças saem vitoriosas no final, e um inimigo dos mais ameaçadores - a bruxa - é completamente derrotado.(BETTLEHEIM, 2002, p.15)

Nesse contexto, as aventuras, devido ao seu caráter empolgante, acabam por prender a atenção do leitor. “Quando se trata de histórias como a de João e Maria”, por exemplo, existem fatores que podem exercer um fascínio real, principalmente em crianças, as quais, até automaticamente, elas mesmas podem se ver naquelas situações inusitadas em que passam por aventuras alucinantes.

Desse modo, a criança inicia-se um processo de caracterização com sua própria família, seus próprios pais, seus privilégios e suas adversidades, e é capaz de começar a levar em conta detalhes que até então não tinham prestado atenção. Assim sendo, estas observações podem destacar a relevância dos contos de aventura na formação da empatia, individualidade e subjetividade.

Vimos que a interpretação e compreensão de mundo são de cada pessoa, pois o saber se volta à exterioridade, à consciência, a sua interioridade e à subjetividade a maneira que se revela o entendimento das escritas literárias na sociedade. Assim se constrói a formação do indivíduo com valores, experiências históricas e crenças, tanto no contexto individual como coletivo.

1.6 MORAL DA HISTÓRIA EM... A FUNÇÃO DOS CONTOS DE FADAS

A função dos contos de fada pode ser a de promover a auto análise, ao encontro constante entre real e imaginário, e as possibilidades de relações entre realidade e imaginação buscando aprimorar a capacidade criativa e reflexiva do ser humano, que estão presentes nas obras de literatura desde seus primórdios, com o aparecimento de eventos e personagens sobrenaturais, folclóricos, heróicos entre outros.

Alguns aspectos referentes à personalidade da criança podem ser abordados:

Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto tornar claras suas emoções; estarão humanizada com suas necessidades e aspirações; e conhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. [...] (BETTELHEIM, 2002, p.13).

Nesse sentido, o contato com os contos de fada pode estimular na criança a fascinação e o pensar crítico que possa abordar questões simples desde o pensamento de cada personagem até em como ele retrata ao próprio pensamento. Além disso, podem apresentar mensagens implícitas que servem para auxiliar a criança na busca de respostas para superar suas dúvidas, de acordo com o seu estágio de desenvolvimento emocional.

Com o surgimento de novos posicionamentos ideológicos exigem novas obras literárias. Nos contos de fadas, as personagens femininas são retratadas como as mulheres da época em que os textos foram produzidos. O feminino se encontra, portanto, em uma situação de subserviência e de dependência do masculino até para poder “acordar do sono”, em um constante processo de passividade (CORSO; CORSO, 2006).

Nesse contexto, nota-se a inserção de uma conotação inclusive política das histórias de contos de fadas. As condições de vida da sociedade em que o conto é escrito e descrito, e se ter uma função didática, inclusive, que mostrar ao leitor, os processos evolutivos sociais, e traçar paralelos entre, como se viviam em tempos de outrora, e como a sociedade se modificou chegando aos dias de hoje.

Esse fator provoca uma reflexão diante a atualidade, ou seja, o que está presente naquele conto de séculos atrás que ainda pode-se ver hoje em dia? Quais comportamentos? Quais valores? Estes questionamentos podem ser importantes quando se pensa na função de grandes contos de fadas. Alguns estudiosos propõem também a discussão acerca da função cultural dos contos de fadas e sua demanda:

É certo que correr atrás das novidades é uma característica do nosso tempo e não se restringe à infância, mas as crianças são ainda mais suscetíveis à essa demanda. Se crescerem num ambiente estimulante, serão curiosas, pois sua vida tem necessidade de fantasia para apoiar suas brincadeiras e seu pensamento mutante. (CORSO; CORSO, 2006, p. 254)

Aqui cabe destacar a preocupação dos autores e que, posteriormente, pode-se ver nos estudiosos do tema, o fato de que as obras de contos de fada se conectam com a essência humana e sua problemática existencial.

Se possível, buscarão a fantasia em todas as suas formas: brinquedos, filmes, games, livros, teatro, brincadeiras com os amigos, programas de televisão,

narração de histórias, etc. Não há um meio privilegiado de consumo de ficção, e hoje existe uma multiplicidade de modalidades pelas quais elas podem acessar as histórias que lhes interessam. (CORSO; CORSO, 2006, p. 254)

Nesse contexto, essa necessidade conectada à busca antiga e moderna, por conexão na forma da fantasia, seja esta interna ou diretamente ligada ao “entretenimento”, por assim dizer. Ora, pode-se notar que mesmo a mais fantástica das histórias e a mais criativamente inventada fora do mundo real, com muita frequência, e expressar-se um sentimento humano em algum objeto inanimado ou animal, etc.

Essa conexão com o personagem deve estar no próprio leitor e sua vivência particular, mas também estar em terceiros, o que possa nutrir uma solidariedade involuntária ou outro tipo de sentimento altruísta, humano. Assim os contos têm como função atrair o imaginário infantil, desde que esse tenha segurança e afeto nos personagens, pois ali pode estar a história dela ou o despertar de seu imaginário.

A capacidade de criar esta demanda por fantasia, capturada pela chamada indústria cultural e proporcionando consumo em massa, que já remonta de séculos, como mencionada anteriormente neste capítulo pelos especialistas, se expressa nas mais variadas formas, como filmes, *games*, livros, entre outros.

1.6.1 Os contos de fada como incentivo à leitura

Por meio dos contos de fada, pode-se desenvolver na criança e adolescente o gosto pela leitura, uma vez que pode se dar a partir da linguagem verbal e imagética, despertando a curiosidade e a imaginação. A partir desses contos que a criança pode acabar se tornando um leitor assíduo, criativo e autônomo e a leitura como um facilitador de aprendizagem.

Desse modo, percebe-se que o desenvolvimento do aluno em sala de aula e sua percepção como indivíduo na comunidade em que vive suas interações sociais e a maneira como vai interpretar o mundo, pode partir dos exemplos ou falta deles, no que diz respeito tanto ao hábito de leitura, quanto à qualidade e o tipo da leitura.

Os contos de fadas podem cumprir um papel importante neste aspecto, cuja presença no imaginário infantil pode despertar a capacidade da criança em buscar o desconhecido, o inusitado, e este aprendizado, possivelmente, auxilie na formação de um indivíduo cujos horizontes são mais amplos, mais diversificados e ricos em elementos.

Sobre o papel dos livros:

Pessoas que não são leitores têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles, abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (GROSSI, 2008, p.03)

Diante disso, percebe-se que muitas atividades partem da leitura, como conversas, discussões e muitas vezes, dos noticiários que saem impressos, mantendo a sociedade informada dos fatos que podem ser relevantes para nossa sobrevivência, viagens, negócios ou ser, somente, puro entretenimento.

A leitura pode ser um direito de cidadania, um mecanismo de defesa de direitos quando alguma injustiça está sendo praticada. Pode-se utilizar a leitura como principal ou secundário meio, de comunicação, de divulgação de novas ideias, de eventos, de pequenos e grandes informativos,

Nesse contexto, pode-se notar como o analfabetismo é nocivo a uma sociedade, como através de sua eliminação, o desenvolvimento social pode ser mais pleno e vigoroso.

[...] é fundamental que as políticas de incentivo à leitura se descolem da mera organização de feiras ou da criação de bibliotecas e salas de leitura. O mais urgente é investir em material humano, com a formação de mediadores e bibliotecários capazes de semear o prazer da leitura por todo o país. Mediadores são os instrumentos mais eficientes para fazer da leitura uma prática social mais difundida e aproveitada. (LINARD; LIMA, 2008, p.09)

Percebe-se, diante do exposto, que o incentivo público à leitura é fundamental para o processo de evolução social e político, no âmbito municipal, estadual e federal.

Porém, mais do que um ter-se incentivadores morais e orais, a leitura precisa de incentivos materiais e humanos, ou seja, políticas públicas que destinem, de fato, verbas para que novas bibliotecas sejam erguidas, mais profissionais sejam contratados, mais livros distribuídos, melhor remuneração para professores, melhorias em infraestrutura escolar e de transporte público, entre outros fatores, tudo isso junto, pode trazer mais oportunidade de acesso a leitura em todos os cantos do país.

As maneiras para a iniciação à leitura podem ser variadas:

Existem várias formas de incentivar a criança a gostar de ler, bem como a criar o hábito de leitura. Ser um bom contador de histórias é uma dessas formas, pois as crianças se encantam com o professor, com a entonação de sua voz, os gestos que faz, as caras e bocas, os risos ou choros, enfim, tudo aquilo que traz emoção para o momento. E mais tarde tentam imitá-lo agindo da mesma forma. Entretanto, a

leitura não deve ser somente para o prazer, mas com o objetivo de promover a capacidade reflexiva e crítica, o que acontece quando o professor abre espaço para discussões após a mesma, dando oportunidade dos alunos darem suas opiniões, elogiando ou não o livro, repensando suas idéias acerca do tema abordado, ou até mesmo mudando o final da história. (BARROS, 2022)

Nota-se que o incentivo à leitura pode iniciar-se em casa e ter sua continuidade na escola, nesta colaboração entre pais e professores que pode ser extremamente benéfica para o aluno.

Contar histórias pode ser uma atividade em comum entre pais e educadores também, o que possibilita a criação do hábito tão importante da leitura. A capacidade de análise do conteúdo, da mensagem que aquele autor sugeriu no enredo, pode ser dinamizada e catalisada pelo hábito da leitura, que se for incentivado desde cedo, tende a formar cidadãos mais atentos à realidade em que vivem mais observadores mais ativos e conscientes quanto aos seus papéis de agentes transformadores.

Conforme Barros (2022, s/p.) “brincar com teatro, fantasias, buscando a representação dos textos lidos também é uma excelente forma de incentivar a leitura, pois o aluno percebe que para simular precisa ter um texto, uma história em mente”, ou seja, é importante e preciso incentivar toda forma de interação de atividades que envolvam a leitura e seus desdobramentos e isso pode ser de crucial relevância para o surgimento de novos escritores, autores, dentre outras atividades artísticas ou não, que sejam relacionadas à leitura.

1.7 INTERTEXTUALIDADE NOS CONTOS DE FADA

Para trazer a linearidade de um texto podemos utilizar um novo modo de leitura que faz a ponte da conversa entre dois textos diferentes, assim a inspiração pode aparecer como auxiliar da intertextualidade.

O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ou existem ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis (BARTHES, 1974 *apud* KOCH, 2007, p. 59).

A intertextualidade pode produzir possibilidades diferenciadas de leitura como um diálogo com outros textos, e sentidos entre diferentes escritos os quais, possivelmente, conduz o leitor a fazer leituras entres linhas, deste modo à escrita de um texto pode passar por transformações em cada momento e da época que se refere.

Nesse sentido percebe-se que o leitor, para compreender um texto e construir relação entre textos, precisa de uma série de estratégias de leitura, que se dividem em três grupos: cognitivas, sociointeracionais e textuais (KOCH, 2011).

Possivelmente, sem o uso dessas estratégias, o leitor pode não mobilizar o contexto e os conhecimentos que possui. As estratégias cognitivas são as que funcionam como uma instrução geral para cada escolha que será feita no processamento textual. Essas estratégias se subdividem em seleção, antecipação, hipóteses, inferências e verificação, logo: “o texto não é resultado de “soma” de palavras, frases ou de outros textos, mas de um projeto de dizer constituído em uma dada situação comunicativa, para alguém, com certa finalidade e de determinado modo, dentre tantos outros possíveis. [...]” (KOCH; ELIAS, 2008, p. 214).

Conforme Koch e Elias (2008) afirmam que obtêm-se dois tipos de intertextualidade na leitura de textos: explícita e implícita. Na intertextualidade explícita há citação da fonte do intertexto. Já a intertextualidade implícita ocorre sem citação da fonte, pois o locutor pressupõe que o intertexto já faça parte dos conhecimentos textuais do leitor. Desse modo, tanto a intertextualidade explícita quanto a implícita podem ser prejudicadas, e pode-se notar a importância de o leitor ter levado em consideração leituras prévias.

Quanto ao exame das tipologias: “as tipologias da intertextualidade tem-se funcionalidade em diversos textos, não são com o intuito de serem examinadas, mas sim compreendida, parafraseando [...]”. (KOCH, 2012, p.143).

É importante ressaltar a diferenciação de termos que ocorre mediante a definição e classificação do uso de um determinado termo pelo autor “cabe lembrar, ainda, que autores que reservam o termo intertextualidade somente para o caso em que se recorre a intertextos alheios. Quando um autor ou compositor insere em seu texto trechos de outras obras suas, preferem falar em autotextualidade ou intratextualidade” (KOCH, 2012, p.18).

Por meio da intertextualidade pode-se, caso seja a intenção, criar novas possibilidades de escrita de um poema, frase ou texto, essa possa permitir situações de reflexão e transformação a qual o leitor expresse alguma mensagem e, além disso, demarcar alguma característica original no seu estilo de escrita.

A intertextualidade no caso do conto de fadas, pode se referir e a análise das histórias bem como das ilustrações, onde pode fazer uma ponte de diálogos entre as obras sobre contos originais e contos cuja característica se volta a processos culturais, ideológicos e morais presentes na sociedade, com algum viés de transformação e mudança.

Nos anos de 1960 foi incluído o conceito de intertextualidade, por Julia Riviera, crítica literária francesa, um termo aplicado por casos memoráveis, “uma obra literária faz

alusão a outra obra literária: por exemplo, o *Ulisses* de J. Joyce e a *Odisseia* de Homero (entre outros):” (KOCH, 2004, p.13)

A esta interposição de camadas de texto, que podem ser paralelos e relacionados ou não, percebe-se que a intertextualidade com frequência é um recurso aplicado e estudado por diversos autores que buscam explorar com amplitude o uso de múltiplos textos.

CAPÍTULO 2 - NOVOS CONTOS DE FADAS

A produção literária contemporânea apresenta direta ou indiretamente, as novas formas de se contar histórias reais ou não, dentro de um sem número de gêneros, inclusive da literatura infantil.

Desse modo, surgem diversas modalidades de escrita e em cada uma delas, com autores em destaque e obras podem vir até mesmo virar roteiros cinematográficos. Os processos que levam um autor a publicar uma obra, podem sofrer mudanças, bem como seus objetivos com ela. Pois, na modernidade tem um elemento lúdico nas histórias infantis e há exemplos de obras que foram escritas há décadas e até séculos atrás, ganhando uma roupagem com abordagem mais atual, mas mantendo-se ao máximo a estrutura original, ou ainda, a total transposição temporal das personagens.

Nesse caso, o autor coloca-se em sua forma natural, mas, vivendo séculos depois do que anteriormente vivia, ou, muitos autores podem ainda reescrever os contos, sob um ponto de vista totalmente novo, mudando vilões e mocinhos de lugar, a depender de qual tipo e do teor de pesquisa a qual o autor realizou para aquela determinada narrativa proposta por ele.

Neste capítulo, será feito um resumo de dois contos, para fins de análise e também para comprovar que nem todos os contos apresentam a personagem fada. Primeiramente será narrado o conto “A Verdadeira História do Chapeuzinho Vermelho” e depois “A Fada que tinha idéias”.

2.1 OS CONTOS DE FADA EM AGNESE BARUZZI E SANDRO NATALINI

A autora e ilustradora italiana Agnese Baruzzi publicou diversos livros infantis em vários países além da Itália, Portugal, Inglaterra, França, Japão, Brasil dentre outros; livros de ciências para crianças como o: Estranho caso da célula X. (EDITORIAL E SCIENZA, 2022).

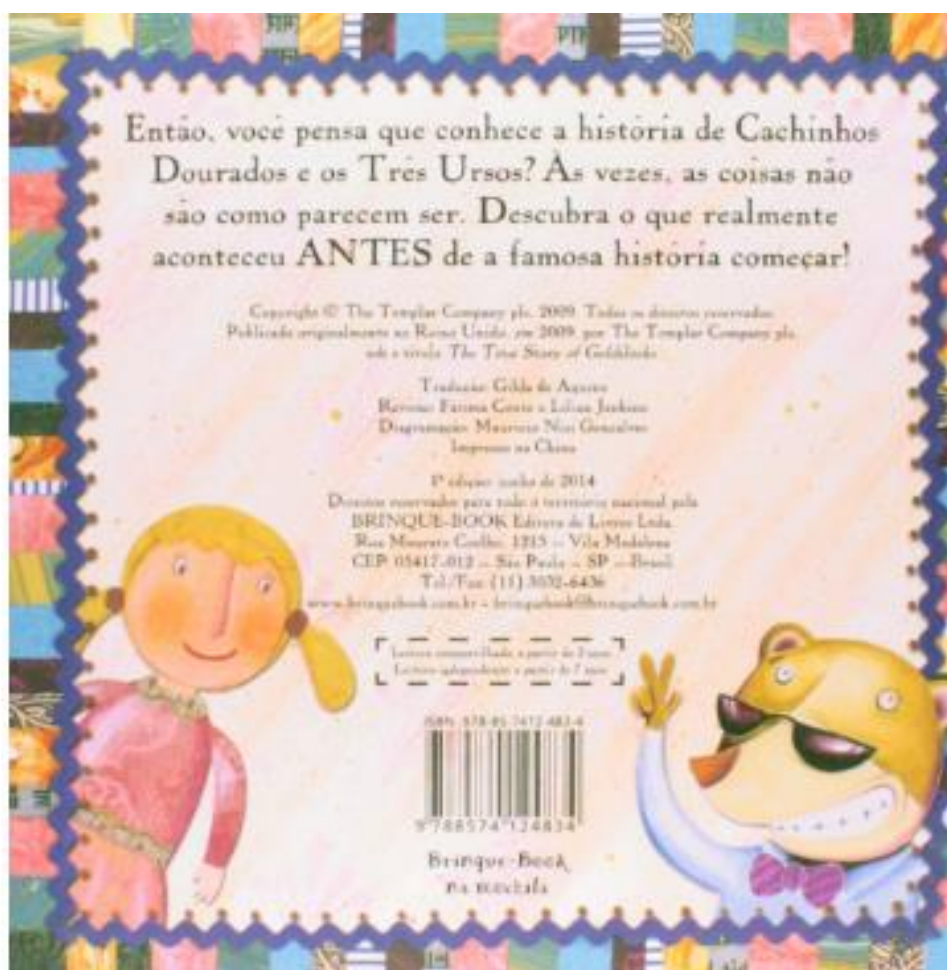
Conforme a Biblioteca Nacional de Portugal – BNP (2022) dentre suas obras voltadas à literatura infantil e contos de fadas encontram-se; Segue-me! : com texturas para seguir; Animais : com texturas para seguir; Que emoção!; O patinho; O coelhinho ; Olá, sapo!; Olá, borboleta!; Primeiro livro das emoções; Primeiro livro dos números ; Primeiro livro das formas ; Primeiro livro dos animais selvagens ; Monstrolândia ; Labirintos da Alice

Segundo a Editorial e Scienza (2022) Doutor em Ciências do Livro e da Escrita, Sandro Natalini, publicou como autor e ilustrador vários títulos para crianças na Itália e em

vários outros países. Seus livros são: A história da vida; Por um punhado de bolotas e Histórias bestiais. As obras de Baruzzi e Natalini utilizam recursos lúdicos e temas infantis, incluindo alguns recontos de clássicos dos contos de fadas.

Diante disso, é importante notar o estilo arrojado da autora, conforme este trecho, figura 1, o qual descreve a sinopse do livro: A verdadeira história de Cachinhos Dourados:

Figura 1: Sinopse do livro: A verdadeira história de Cachinhos Dourados



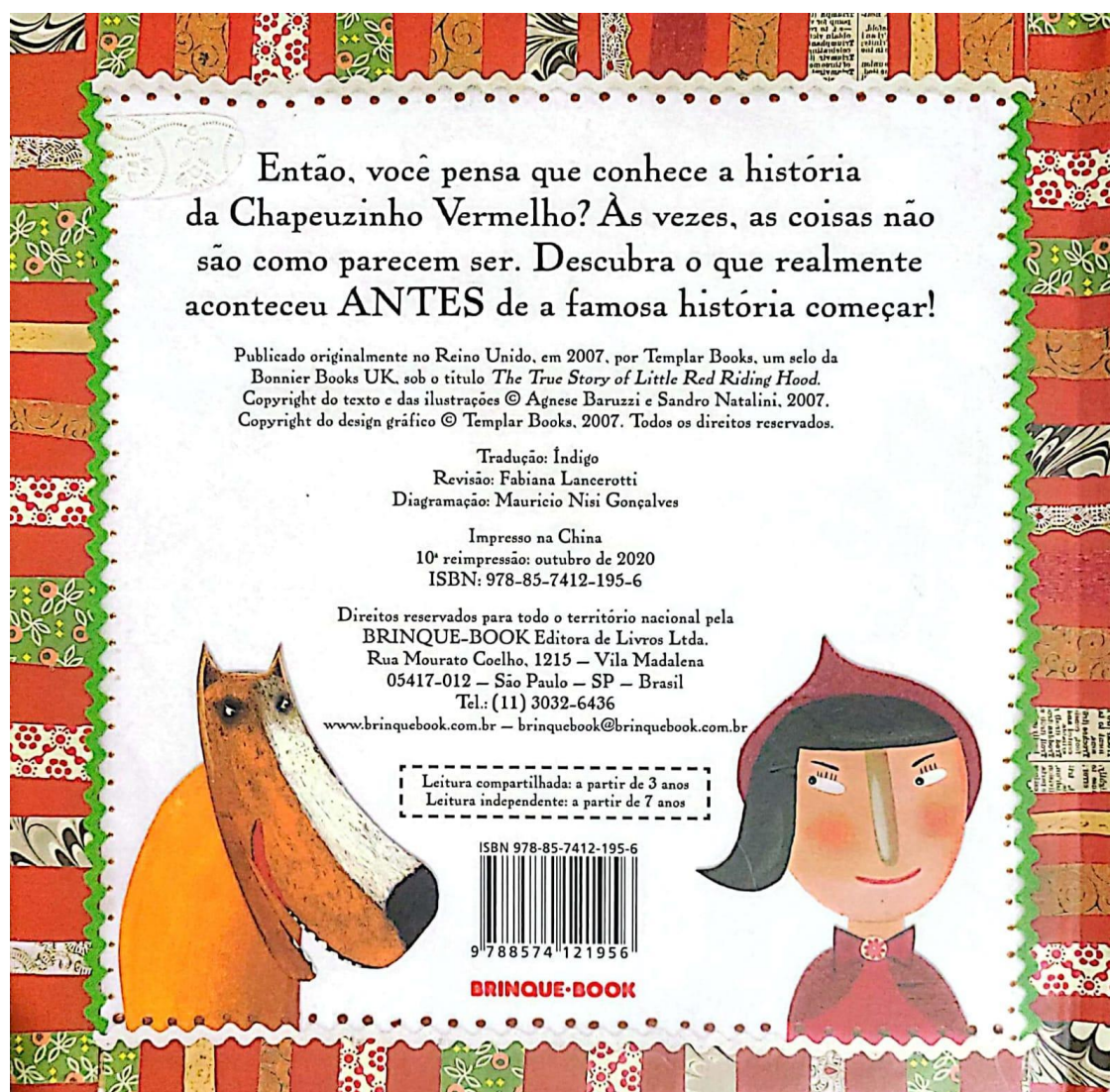
Fonte: BARUZZI, 2014.

Essa versão divertida da história da menina dos cachinhos dourados utiliza o recurso da intertextualidade para manter os personagens principais do enredo, porém traz uma nova narrativa conservando alguns acontecimentos da história original. Dessa vez, os Pais do Ursinho convidam a Cachinhos Dourados a ficar na esperança que ela seja uma boa influência para o filhote. No entanto o Ursinho não gosta da menina e por aí vai, com muitas novidades no enredo.

A autora Agnese Baruzzi em parceria com Sandro Natalini, ilustrador, de *A Verdadeira História de Chapeuzinho*, buscou retratar, possivelmente, uma “nova” menina de capuz vermelho, dentro do contexto atual em que ela vive modificando também o papel de algumas personagens originais. A redenção do Lobo Mau e a mudança do comportamento de Chapeuzinho “Ingênua e desprotegida é a Chapeuzinho, “esemplo” do “comportamento” que certa mentalidade (ainda) espera do feminino. Do Lobo, em tempos politicamente corretos, espera-se uma conduta mais socialmente aceitável, e o que o preocupa, portanto, é sua imagem, é a “opinião” alheia” (MAFFEI, 2008, p. 53).

Na figura 2, além da sinopse que aguça a curiosidade do leitor, é possível perceber na ilustração de Natalini a expressão do rosto de Chapeuzinho (está atenta ao lobo):

Figura 2: Sinopse do livro: *A Verdadeira História de Chapeuzinho*



Fonte: BARUZZI, 2013.

Nota-se que a autora inteligentemente busca inovar, atribuindo características peculiares aos personagens, como, por exemplo, explicitar o fato de o Lobo escrever a carta com erros ortográficos grosseiros.

Com alguns novos elementos incluídos no enredo, Agnese Baruzzi e Sandro Natalini, habilmente buscam modernizar o antigo conto de fadas, atraindo novamente o público que já tem familiaridade com a história e com as personagens, mas também aqueles que estão conhecendo pela primeira vez, já que o reconto feito pelos autores, possui elementos que buscam contextualizar a trama.

O modo em que o personagem do Lobo foi retratado pelos autores, não só a beleza artística das ilustrações, mas os diálogos e as características comportamentais chamam bastante atenção nesse conto, pela eficiência e sutileza dos autores.

As contradições modernas da Chapeuzinho, preocupada com sua popularidade, e as preocupações do Lobo com sua aceitação, busca fazer um paralelo com a sociedade atual, onde se pode ter um excesso de preocupação com a imagem que se está passando aos demais:

[...] A aceitação é total, e o Lobo, enfim, graças à reeducação conduzida pela Chapeuzinho, consegue modificar a opinião que se tem sobre ele. Mas a educadora, agora, sofre porque perdeu seu posto, e a crítica do livro é aguda e sutil, pois o índice mais flagrante da mudança de panorama é certa pesquisa de opinião pública vinda no jornal impresso: “Quem é o mais bonzinho: Lobo ou Chapeuzinho? Sua opinião: 63% Lobo, 32% Chapeuzinho (5% indecisos)”. [...] (MAFFEI, 2008, p.54).

Diante dessa e contexto, como mostram as obras de Baruzzi e Natalini, é importante destacar o caráter lúdico presente e retratado com muita sagacidade nos traços das ilustrações, de diálogos inteligente e construtivo que, misturado com a busca pela inovação na maneira de se fazer os recontos em história tão clássicas.

2.1.1 Análise da história “A verdadeira história de chapeuzinho vermelho”

O conto da Chapeuzinho Vermelho, ao longo do tempo, recebeu inúmeras análises e alguns autores reescreveram as aventuras da menina do capuz vermelho também diversas vezes. Por isso, ao pesquisar a respeito do tema, percebe-se que alguns estudiosos tiveram preocupações com as condições ambientais do conto, suas relações sociais, aspectos psicanalíticos e, por essa razão, muitos até questionam se, de fato, trata-se de um conto infantil.

Diante disso, surgem alguns apontamentos sobre a versão contada pelos Irmãos Grimm:

Chapeuzinho Vermelho vive num lar de fartura que, como já ultrapassou a ansiedade oral, compartilha com a avó alegremente, levando-lhe comida. Para Chapeuzinho o mundo fora do lar paterno não é uma selva ameaçadora onde a criança não consegue encontrar o caminho. Existe uma estrada bem conhecida, da qual a mãe aconselha-a a não se desviar (BETTLEHEIM, 2002, p.184).

Logo, notam-se as características principais que se pode reconhecer na menina que representa a personagem com o chapeuzinho vermelho, possuem robustez e são perfeitamente marcadas durante a passagem do tempo. A cativante personagem sobrevive ao curso dos anos graças as suas bem delineadas características no comportamento, como por exemplo:

A ideia de que Chapeuzinho lida com a ambivalência infantil entre viver pelo princípio do prazer ou pelo da realidade é sustentada pelo fato dela só parar de colher flores "quando já juntara tantas que não podia mais carregá-las". Nesse momento Chapeuzinho "lembra-se novamente da Avó e prossegue o caminho para ela". Isto é, só quando apanhar flores deixa de ser agradável, o id em busca de prazer recua e Chapeuzinho torna-se ciente de suas obrigações. (BETTLEHEIM, 2002, p.184)

Nesse sentido, percebe-se ser uma menina, boazinha, bem criada, que respeita a vovó e tem como característica marcante, passear alegremente pela floresta, ciente dos perigos que porventura existam por lá.

Pode-se observar que, inclusive na versão escrita pelos autores Agnese Baruzzi e Sandro Natalini, os principais elementos do enredo anterior não desaparecem, mas pode-se perceber que a trama é uma continuação da trama original, porém em uma época diferente, mais atual, repleta de referências à modernidade. Vale ressaltar que, essa dualidade entre os personagens aparece no desenrolar do conto.

Conforme um trecho, que aborda um dos desdobramentos do enredo:

Um dos grandes momentos de A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho é o recheio do "sanduíche misterioso", escondido do leitor pelo desenho do pão do sanduíche, que perfaz uma aba; aberta a aba, vê-se o tal recheio, bastante claro, e um texto, mais claro ainda, em nova caixa alta: "UMA SALSICHA!!!". Na folha seguinte, encerra-se o livro: a imagem é da Chapeuzinho levando uma cestinha pela floresta, bastante ciente de que o Lobo a espreita atrás de uma árvore, e o Lobo efetivamente a espreita atrás de uma árvore. (BARUZZI, 2008 *apud* MAFFEI, 2008, p.55).

A personagem Chapeuzinho ao presentear o Lobo com um sanduíche, de certa forma suspeito, e em seguida, correr satisfeita pela floresta, levanta ao leitor a ideia de que o desfecho do conto, desta vez, pode não ser o mesmo que se conhece tradicionalmente. Percebe-se que, já no início, os autores procuram retratar o Lobo como alguém arrependido, disposto a se redimir pelos erros passados.

Conforme demonstra o trecho do bilhete amistoso do Lobo para a menina Chapeuzinho, descrito na íntegra:

Querida Chapeuzinho Vermelho:

Sei que voce vai levar um susto de receber uma carta minha. Fomos inimigos durante muitos anos mas estou cansado de ser mal o tempo todo e de ninguem gostar de mim. Voce poderia pooor favor me mostrar como posso ser bomzinho que nem voce? Quero ter boms modos (e melhorar minha ortografia) e aprender a ser jentil uma vez na vida. Com sua ajuda sei que conceguiria mudar a opinião que as pesoas têm de mim.

Ceu amigo Lobo Mal

P.S. – Voce e um escelente esemplo de comportamento.

(BARUZZI, 2008, p 1-2.).

O Lobo, aparentemente, pelo que demonstra em sua carta para a Chapeuzinho, aparenta ser um indivíduo mudado, e até na fragilidade intelectual que reflete nos erros de ortografia na carta, representa alguém de modos humildes, preocupado com o que as pessoas na comunidade possam pensar dele, já que sua fama o precede.

O leitor ao seguir adiante nas páginas do livro pode notar algumas semelhanças com o roteiro original, mas conforme afirma Giroto e Souza (2014, p. 31), sobre os rumos que o enredo chega-se a ponto da leitura que [...] há aqui a apresentação de uma situação tranquila até que algo a perturbe. Geralmente antes da perturbação, o leitor percebe o local onde se passa a história e as personagens que vão vivê-las”.

Os eventos que se seguem na narrativa, mostram a aceitação de Chapeuzinho Vermelho à proposta de redenção feita pelo Lobo. O enredo descreve a gradual incorporação do Lobo ao convívio da Chapeuzinho, cuja maneira de tratar o Lobo é pacífica, porém regrada, até impositiva.

Chapeuzinho colocou o Lobo para trabalhar, pediu pra que enquanto ela estivesse na escola, ele limpasse a casa, ajudando a mamãe na cozinha, passando o tempo jogando cartas com a vovó, indo se encontrar com o caçador para ver futebol, e uma alimentação que não inclui carnes, o deixando mais faminto. Chapeuzinho comece a incomodar-se com a atenção que o Lobo agora estava recebendo (SANTOS, 2010, p.43).

Com o passar do tempo, conforme narra história, o Lobo começa a ganhar confiança e empatia dos vizinhos que outrora o condenaram e expulsaram:

Diante desses fatos, podemos perceber a mudança de humor e de caráter na menina na, pois o ciúme começa a tomar conta dela, ocasionando raiva e sentimento de vingança. Sua mudança de temperamento foi provocada pela percepção de que estava perdendo seu posto de queridinha para o Lobo, e como isso, sua característica de menina ingênua, boa e solidária, se transforma em inveja, raiva e perversidade, quando elabora um plano para acabar com as atitudes boas do Lobo (SANTOS, 2010, p.43).

Percebe-se então a situação de Chapeuzinho cuja personagem tinha solidariedade e empatia da comunidade, viu-se ameaçada pela crescente popularidade pelo Lobo redimido crescer a cada dia.

Chapeuzinho Vermelho é amada universalmente porque, embora virtuosa é tentada; e porque sua sorte nos diz que confiar nas boas intenções de todos, que parece ser tão bom, na realidade nos deixa sujeitos a armadilhas. Se não houvesse algo em nós que aprecia o grande Lobo Mau, ele não teria poder sobre nós.... Por mais atraente que seja a ingenuidade, é perigoso permanecer ingênuo a vida toda. (BETTELHEIM, 2002, p.208-209)

A menina Chapeuzinho Vermelho pode refletir, sob este ponto de vista, a infância de muitos e muitos meninos e meninas, a inocência, e a descoberta de um mundo de decepções que podem surgir.

Nesta altura dos acontecimentos é que acontece, provavelmente, a maior reviravolta do enredo, sendo mais surpreendente até do que o arrependimento do Lobo: a Chapeuzinho, por ficar com ciúmes do Lobo acabou o submetendo a uma armadilha.

O bilhete de Chapeuzinho para o Lobo descreve um convite:

Querido Lobo,
por favor, venha à minha festinha especial, amanhã à tarde.
Vai ter um monte de comida gostosa.
Com carinho,
Chapeuzinho Vermelho
P.S – Não falte!
(BARUZZI, 2008, p.28).

Conforme ressalta Santos (2010, p. 44) “nesta versão da história o caráter da menina é posto à prova. Ressentindo-se por deixar de ser a pessoa mais popular, ela planeja uma vingança”.

Por fim, a capuz vermelha voltou a ser a pessoa mais boazinha da Floresta, o Lobo ao comer a salsicha voltou a ser mau, então, Chapeuzinho, “para provar, ela foi levar uma

cesta de guloseimas para a vovozinha. Quanto ao que acontece depois... Bem, você conhece a história oficial” (BARUZZI, 2008, p.31).

As aventuras da Chapeuzinho Vermelho e do Lobo Mau já foram contadas inúmeras e estão entre as mais populares entre qualquer faixa etária e possivelmente, assim permanecerá, mas, o que os estudiosos da literatura e as novas versões que surgem apontam é que, pode-se, com frequência extrair novas narrativas e lições deste enredo incrível, como foi observado na obra de Baruzzi e Natalini cuja roupagem moderna buscou trazer novos elementos para este lendário conto.

2.1.2 A intertextualidade na obra (releituras)

Sobre a estrutura de contos que são releituras ou reescritos, total ou parcialmente, percebe-se que os autores buscam ao mesmo tempo não fugir do roteiro original, mas ao mesmo tempo, introduzir algum tipo de narrativa própria.

Conforme Bettelheim (2002) os contos de fadas são contos orais repassados durante séculos até serem escritos em livros por autores que buscaram dar novos significados, cada qual do seu próprio jeito abordando o mesmo tema de forma diferente procurando proporcionar ao leitor, prazer, magia e encantamento.

Desse modo, pode-se observar a autora de A Verdadeira História de Chapeuzinho Vermelho retratando características comuns da escrita original, uma vez que a autora da obra traz uma presença perceptível na escrita interligando uma obra na outra, deixando claro um conceito inovador e que mostra a preocupação, nesta oportunidade, com determinados assuntos da sociedade.

Assim, a autora busca perpassar o enredo original de uma forma dinâmica:

Repare que apesar do título, A Verdadeira História de Chapeuzinho Vermelho, a história começa sem a apresentação da personagem principal, talvez pela falta de necessidade, já que todos sabem de quem se trata. Dando início com a personagem considerado antagonista, no caso o Lobo, sua apresentação também é dispensada, remetendo-nos as histórias dos contos de fada das quais os personagens são bem característicos pela suas personalidade bem definidas, ou seja, a Chapeuzinho como personagem boa e pura, e o Lobo como personagem mau. No caso do Lobo, a história faz referência também a história dos três porquinhos, pois ele é temido por todos da floresta e dos arredores. (SANTOS, 2010, p.36)

Assim, percebe-se este entrelaçamento essencial quando se pretende fazer uma releitura de uma obra, pois, ao apresentar, tanto no título, quanto os personagens e a trama principal da história de Chapeuzinho, a autora buscou não desperdiçar o tempo do leitor com

apresentações redundantes, utilizando o recurso da intertextualidade a seu favor para, em seguida, introduzidos novos elementos do enredo que ela criou.

Nesse sentido, na narrativa de Baruzzi atinge novos acontecimentos com o Lobo que acaba escrevendo a carta para a Chapeuzinho solicitando ajuda para torná-lo bonzinho e ela aceita ajudá-lo, causando surpresa a sua mudança repentina no comportamento do Lobo. Ele agora assiste futebol com o lenhador, leva flores para a mãe de Chapeuzinho, quitutes para a vovozinha e etc.

Diante disso, os autores buscaram entrelaçar a trama original, partindo basicamente de onde ela havia parado, mas tiveram a intenção de adicionar um outro enredo, que com frequência se sobrepõe ao original, numa simbiose da obra antiga com a atual.

Essa escolha dos autores pode ter sido feita, possivelmente, para que estes novos elementos chamem a atenção do leitor, afinal de contas, o público teria interesse em ouvir a mesma história? As crianças seriam instigadas a iniciar e, principalmente, a terminar a leitura se a narrativa não oferecesse nada de novo?

Sobre a intenção de colocar o Lobo como “bom moço”, pode-se refletir do seguinte modo "devido a esta identificação a criança imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria, e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela." (BETTELHEIM, 2002, p. 8).

Criar novos encantamentos, explorar novas características dos personagens, oferecer novas aventuras aos heróis, inversão moral dos vilões em mocinhos, tudo isso pode ser aplicado com a intertextualidade e percebe-se esse recurso na obra aqui analisada neste estudo.

Dessa forma, pode-se perceber sob uma perspectiva sociocognitivo-interacional da linguagem, o quanto a intertextualidade é necessária no processo de leitura para a produção de sentidos do texto (...) visto que identificar ou não a presença de outro(s) texto(s) em uma produção escrita pode depender muito dos conhecimentos sobre o tema previamente construído pelo leitor. (KOCH, 2011).

Nesse sentido, a intertextualidade pode aparecer ou não, dependendo de quem lê, visto que com frequência, o leitor está tendo contato com aquele texto ou tema pela primeira vez, não sendo possível identificar, para ele, quaisquer referências anteriores, nesse caso.

2.2 OS CONTOS DE FADA EM FERNANDA LOPES DE ALMEIDA

Segundo Morais (2014) Fernanda Lopes de Almeida faz parte de um grande grupo que revolucionou a literatura infantil brasileira na década de 1970. Atuou muitos anos como Psicóloga por sua formação, sempre lidando com crianças. A autora buscou inovar o gênero infantil de literatura com suas obras e foram muitos reconhecimentos como a inclusão do livro: *A Fada Que Tinha Idéias* na bibliografia seletiva literatura infantil da UNESCO e acervo permanente na Biblioteca Internacional da Juventude, em Munique, essa obra foi considerada pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), uma das cinco melhores obras infantis brasileiras publicadas ente 1967 a 1971.

Segundo o portal de conteúdos o E-docente (2022) Fernanda inovou ao apresentar para as crianças os livros da coleção *Passa Anel*, como *A curiosidade premiada* e *A margarida friorenta*, a escritora buscou apresentar para as crianças, de forma sensível, temas que podem ser considerados do mundo adulto: solidão, prepotência, independência, existência de diferentes pontos de vista. Vale ressaltar a característica inovadora trazida pela autora onde ela busca introduzir nas suas obras, uma parte lúdica e artística importante e interessante fazendo com que “os livros também traziam uma interação entre texto e imagens inédita até então: mais do que simplesmente retratar o que estava na história, as ilustrações contavam uma parte dela. Atualmente reformulados, mas mantendo as artes originais, esses livros continuam fazendo enorme sucesso” (E-DOCENTE, 2022, p. 1).

Sobre a infância ser um elemento fundamental nas obras da autora:

Fernanda retrata muito em seus livros coisas que são cada vez mais difíceis no dia a dia das crianças e dos pais, neste livro citado anteriormente enfoca muito bem isso e que a vida das crianças de hoje são como uma agenda cheia de compromissos. Seja na produção atual, seja nos livros que já se tornaram clássicos, a obra de Fernanda Lopes de Almeida é marcada pela valorização da infância e, principalmente, da inteligência da criança. As figuras do professor e da escola também aparecem sempre de maneira inusitada. (MORAIS, 2014, p. 1)

Sendo assim, os contos buscam essa perspectiva para o leitor viajar na imaginação, criatividade e a criticidade, em um mundo fictício, mas com intenções subliminares ao real que reflete na formação humana e sua relevância na formação do leitor. Entretanto são por meio dos novos contos que se pode despertar o interesse do novo, novas experiências, fazer e experienciar o diferencial.

Na obra *A Fada Que Tinha Ideias* de Fernanda Lopes de Almeida, publicada em 2007, a autora busca oportunizar ao leitor reflexões acerca de novas perspectivas, pois em

contos originais se relata a importância das mágicas em tempos de outrora, faz-se com que as novas fadas entrem em cursos com fadas mais inteligentes e experientes, utilizam de livros antigos de magia.

Conforme Moraes (2014, p. 1) “Embora a obra da autora para crianças tenha surgido na época da ditadura militar no Brasil, suas narrativas nunca estiveram presas aos ideais de uma época. Elas são atemporais e, como toda boa história, está ao alcance de todos que quiserem clarear o pensamento”.

Sendo assim, em *A Fada Que Tinha Ideias* a menina nega-se a fazer a mágica tradicional, na visão atual das regras e normas do mundo adulto, “[...] Clara Luz, aliás, eu não acho propriamente contestadora e sim, livre. É aquela criança que diz o que pensa, não para desafiar (como muitos a interpretam), mas por achar isso natural. Fica muito espantada que não se veja o que para ela é tão óbvio [...]” descreveu a escritora sobre sua personagem em uma entrevista a Revista Crescer (ROGÉRIO, 2013, p. 1).

Diante disso, Clara Luz, uma menina questionadora marcou a época da autora, essa por sua vez revolucionou o universo dos contos de fadas estudando (contos de Perrault) reescrevendo recriações para as fábulas, as representações inusitadas se referindo ao contexto de escola e professor é bem representativa na obra.

2.2.1 Análise da história “a fada que tinha ideias”

O conto se inicia dando ao leitor uma ideia inicial de quem é a personagem central e onde ela vive então, conforme Cunha (2014, p. 87) “o livro narra a história de Clara Luz, uma fada de dez anos de idade que, com sua mãe, vivia no céu, mais precisamente, “numa rua toda feita de estrelas, chamada Via Láctea” e, como o próprio título sugere, era cheia das ideias”.

Para a protagonista do livro, uma menina, fada e brilhante, cheia de sonhos, reinventa-se a cada passagem da história de 13 capítulos, ela não se importa com o que os outros vão dizer, sendo única, faz questão de resolver os próprios conflitos. Para quem faz a leitura, essa estimula a mudança da realidade e mostra a importância da leitura e escrita a fim de proporcionar raciocínio, melhora o vocabulário e a capacidade interpretativa em vários assuntos abordados. Assim de tal modo a questionar e mudar a perspectiva perante a sociedade, no que diz respeito às suas convenções e a educação tradicional.

Diante da caracterização de Clara Luz, começa-se a notar que seu comportamento é peculiar e a autora vai semeando as pistas do contexto em que enreda a personagem, os

conflitos que a menininha tinha com a mãe retratam um mundo que ela queria diferente, ela cheia de movimentos não queria repetir as mesmas coisas, queria procurar o novo, reinventar-se, sua moradia era toda de prata e morava em uma rua de estrelas longe do palácio da Rainha que cobrava a todas as fadas estudar no “livro das fadas”, conforme Almeida (2019) descreve no livro de como Clara Luz achou a lição número um, enjoada a dois ela nem queria tentar, tapete mágico se ela foi lá e no bule de sua mãe fez um passarinho de três asas (que não gostou nada daquilo), e sua mãe precisou concertar. Parafraseando Clara “quando alguém inventa alguma coisa, o mundo anda. Quando ninguém inventa nada, o mundo fica parado”. (ALMEIDA, 2019, p. 7).

Deste modo a fadinha tinha suas rebeldias com o que era ultrapassado, procurando o novo, não aceitando mágicas antigas descritas no livro das fadas, ela tinha ideias geniais e um tanto mirabolantes.

Conforme Zilberman (2005), na obra *Como e por que ler a literatura infantil brasileira* esclarece como se deu a renovação da produção para o público infantil, até a década de 1980, no âmbito da narrativa, da poesia, do teatro e da ilustração (considerada não como ornamento, mas na condição de elemento principal do texto). No estudo, a autora ressalta que Clara Luz não se adapta aos valores dominantes e conservadores, aos quais, de um jeito próprio e doce, rebela-se “e conquista, de imediato, o leitor, que, como ela, é levado a contradizer a autoridade e a questionar a tradição” (ZILBERMAN, 2005, p. 57).

E ainda era amiga da estrela cadente, Vermelhinha, no seu aniversário Clara fez um bolo de luz que no lugar de meio relâmpago, convenceu um relâmpago inteiro para entrar no bolo, e quando todas as fadas virem aquele clarão sua mãe novamente teve que intervir fazendo uma mágica que não estava nos livros transformando-o em cometa, a menina adorou a mágica. Mas logo teve suas consequências a Dona Relâmpaga cobrou sobre seu filho logo a menina deu um jeito de contornar a situação. (ALMEIDA, 2019).

Para a protagonista o interessante era inovar, ou seja, realizar mágicas novas. A ousada fada também fazia chover colorido, brincava de modelar bichos com nuvens, inventava festas com teatro e muita música, e, até mesmo, convenceu sua professora de Horizontologia a conhecer de perto os horizontes novos que desejava desvelar. (CUNHA, 2014, p. 88)

A ludicidade ficou marcada na fantasia da vida, com humor inocente e ensinamentos da filha para a mãe e de mãe para filha, que por convencer sua mãe de ser monótono o que todos as fadas poderiam fazer e o interessante era inovar, fazer o novo. Pois nos contos antigos sempre encontramos as fadas madrinhas que vivem fazendo mágicas para proteger

as princesas e um reino encantado, o qual na obra observa-se a inovação, e deixa-se claro que todos podem realizar algo diferente, criativo.

[...] A autêntica Clara Luz insurge contra as lições petrificadas dos Livros das Fadas e busca o inexplorado. O engessamento dos ensinamentos estruturados em fórmulas mágicas estereotipadas desagrada à pequena fada, carente de mudanças. Com sua vara de condão e ávida por descobertas, Clara Luz quer lançar-se no risco da novidade. Aos posicionamentos conservadores das fadas-mães e da Rainha, opõe-se a visão inovadora e repleta de originalidade da fada-menina. (CUNHA, 2014, p. 88).

Com a invenção da chuva colorida que se pode observar o quanto é importante procurar novos caminhos. Na obra encontramos os elementos da natureza, ela tinha interesse sobre a terra, história e geografia do Brasil que fora ensinada pela Gota, e essa quando vai para a terra antes de evaporar traz ensinamentos da terra em que a chuva colorida deixa as fadas felizes por acharem ser a rainha, por causa de a primavera ter sido linda naquele ano.

E foi na resolução de conflitos, que a chuva foi inventada, logo depois que a gota e a estrela estavam brigando pelas cores. Na sequência, a menina ajuda sua mãe da fadinha, que tem falta de ar sempre que presencia as ideias mirabolantes e a mesma não deixa nada passar dizendo à mãe: “que só fica com falta de ar quem quer.” Deixando sua mãe intrigada, que as ideias mirabolantes só podiam ser descendência de seu pai.

Conforme ressalta Sandroni (2007, p. 62), “exerce a sua liberdade de pensar e de criar, fundamental para o desenvolvimento do ser humano”, manifesta curiosidade pelo novo, arrisca-se com o desconhecido, rompendo com as envelhecidas ideias contidas no “embolorado” Livro das Fadas, ou seja, com a racionalidade do adulto.

Portanto, uma protagonista sincera e formadora de opiniões, não é acomodada e busca o que quer no mundo de criança, mas leva o adulto a pensar em suas ações, no texto faz-se menção a obras de fadas, mas é uma obra inovadora com questões de si, educacionais e da sociedade em geral. Sem afastar quem lê do maravilhoso, a criança quando houver desenvolve sua identidade e pode se colocar no lugar dos personagens, sendo fundamental na obra estimular ideias, opiniões, sentimentos e criatividade.

Sobre a ousadia da fadinha Clara Luz, contribui-se com o conto o imaginário presente na passagem que a Clara Luz, ajuda a família trovão a cantar e as outras fadas não terem mais medo da família, na união dos afetos, e resolução dos conflitos, construir valores, como canta a família relâmpago: “Não há nada mais bonito que inventar em liberdade e só tem a vida alegre quem sabe dessa verdade.”(ALMEIDA, 2019, p. 43).

Nesse momento todos se esqueceram do livro das fadas e começaram a cantar versos com ideias e conselhos, na continuação a obra mostra cada elemento e fenômenos da natureza bem como a importância de sua preservação.

A autora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira (2012, p. 8-9) afirma que “no contexto histórico brasileiro, houve situações em que o escritor precisou criar vias indiretas para veicular posicionamentos contrários a sistemas vigentes”. Nessa medida, diversos escritores “sutilmente, traficaram seus pontos de vista, burlando a censura e interesses de vária ordem”.

Fazendo alusão a Rainha má e fadas madrinhas o capítulo que a rainha descobre o que Clara fez, passa por diversos acontecimentos até chegar a carta ameaçadora da Bruxa feiosa que não queria nada bonito desta vez mostrando a importância da escrita e leitura como um processo de comunicação, no final da obra depois que fora esclarecido para a Rainha tudo que Luz fez, as ideias geniais, esse diferencial a Rainha procurava nas conselheiras e então comemorou-se que a menina virou chefe das fadas pela rainha adorar suas ideias e não gosta de monotonia e deixou claro que para uma grande mudança é necessário abrir os horizontes que a transformação do reino com alegria e admiração.

Quem disse que necessita ser fada para ser boa, ou a bruxa precisa necessariamente ser má ou feiosa, os contos modernos passam por essas ressignificações.

2.3 ANÁLISE DAS ILUSTRAÇÕES

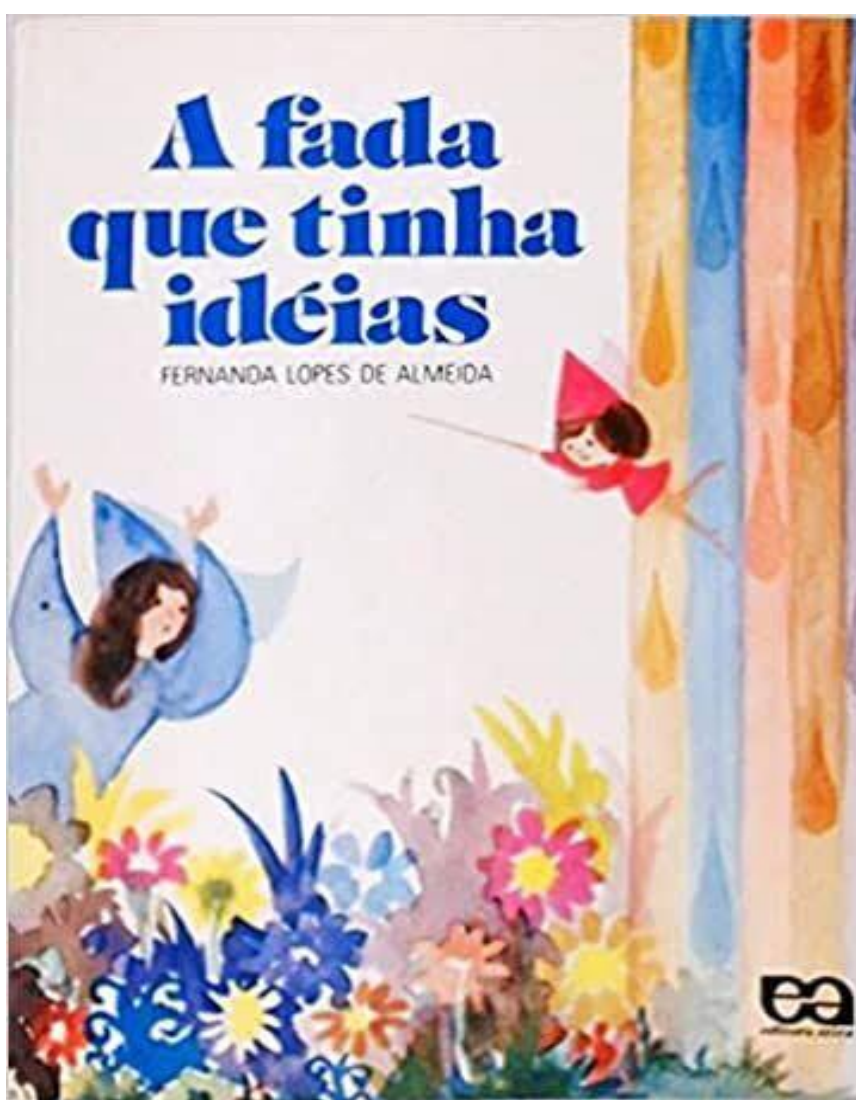
A inovação dos autores nas obras: A fada que tinha ideias e A verdadeira história de chapeuzinho vermelho e, com interação entre o texto e as imagens propriamente ditas retratam o que estava no conto e a existência de diferentes pontos de vista tanto de quem lê ou de quem apenas visualiza.

As ilustrações, nas obras analisadas neste estudo buscam fazer a representação visual do conto, mas não apenas de um ponto de vista puramente "fotográfico", e sim representar a imaginação, a ludicidade, para que o leitor se conecte com a obra em um nível que torne a experiência encantadora, levando-o para o mundo da fantasia através das imagens. A sutileza na entrega da mensagem também pode ser destacada como um ponto forte:

[...] A ilustração despreziosa de Edu dá colorido ao texto sem diminuí-lo, já que o ponto forte do livro são os textos e a mensagem que deles se depreende: é possível, sim, transformar o cotidiano em algo mais interessante e divertido, basta não se acomodar com o que está dado como certo. (EQUIPE A TABA, 2017, p. 1).

Nesse caso, analisando-se os detalhes da capa do livro, A fada que tinha ideias com as ilustrações do ilustrador Edu, é possível perceber que além da mensagem que favorece a imaginação infantil, remetendo-os ao mundo das fadas, percebe-se a primeira vista o colorido que representa esse universo mágico. As duas personagens fadas parecem estar realizando alguma magia, pois a fada menor aponta sua varinha mágica e, pode-se a princípio imaginar que essa é a personagem principal do livro a Fada que tinha ideias, e a outra Fada de azul toda preocupada com os braços levantados deve ser a Fada Mãe. É possível notar os pingos da chuva e muitas flores coloridas completando a ilustração. E ainda a forma com que o título do livro está escrito, as letras parecem estarem brincando e assim se apresentam de forma divertida conforme a proposta da ilustração, figura 3:

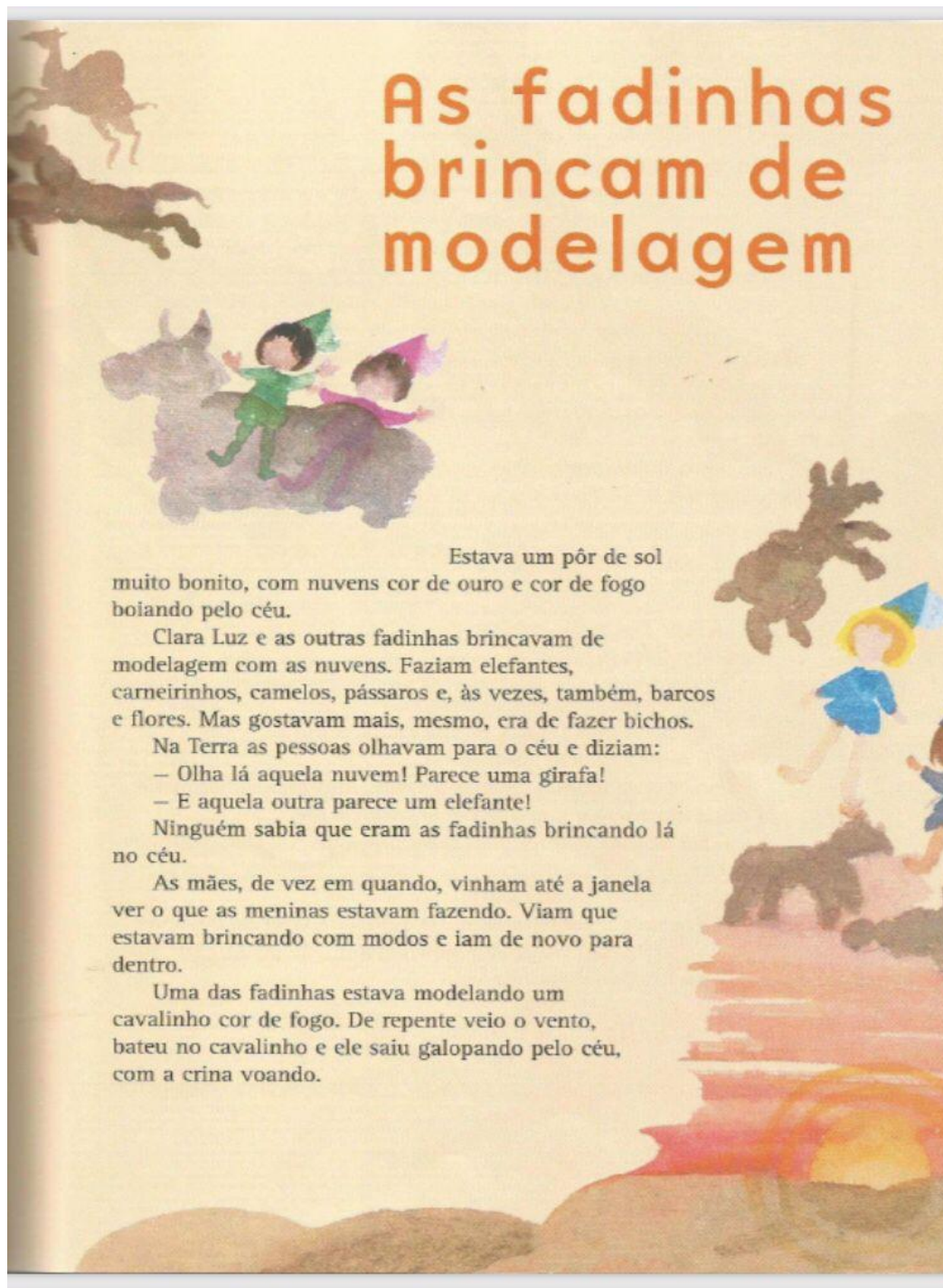
Figura 3: Capa do livro - A Fada Que Tinha Ideias



Fonte: (ALMEIDA, 2019)

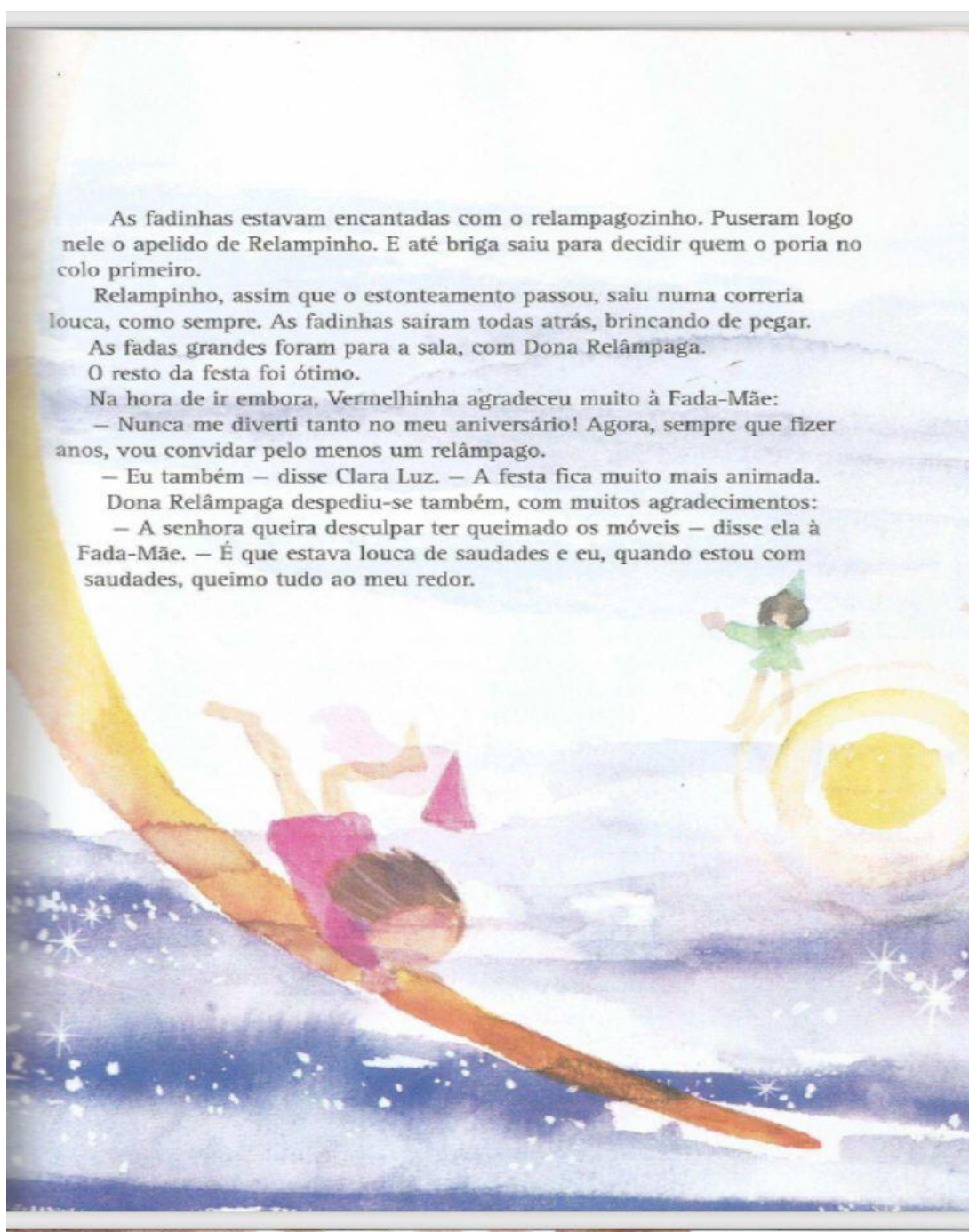
Segundo Castro (2013, p. 1), “o capítulo em que Clara Luz dá a receita dos Bolinhos de Luz continua imbatível em diversão e a brincadeira de modelar as nuvens como se fossem massinhas atíça a imaginação do mesmo jeito que antes”. Brincadeira de modelar, figura 4:

Figura 4: Brincadeira de modelar as nuvens



Outro exemplo desse livro é a cena em que os personagens a fadinha e o relâmpagozinho estão brincando de pegar, a ilustração representa para o leitor a sensação de vôo dos dois, os cabelos esvoaçantes da fadinha agarrada no relampagozinho. O que chama a atenção e encanta é o colorido da imagem que remete a criança ao mundo mágico das fadas, onde tudo é possível, até mesmo voar em um relâmpago como mostra a figura 5:

Figura 5: Fadinha e Relampagozinho



Fonte: (ALMEIDA, 2019, p.17)

Na obra, pode-se notar a interação das ilustrações com o texto, mas sem que estas cheguem a se sobrepor ao conteúdo escrito. Diante disso, as ilustrações podem ser um ponto chave na construção da narrativa de um conto de fadas:

Ilustração é a ação e o efeito de ilustrar (desenhar, adornar). O termo permite fazer referência ao desenho, à estampa ou à gravação que adorna, documenta ou decora um livro. Por exemplo: “Este livro tem uma bonita ilustração de um unicórnio”, “As ilustrações do meu mais recente romance foram realizadas por uma artista francesa”. “Ando à procura de um livro que tenha ilustrações de animais para oferecer ao meu filho” (CONCEITO, 2020, p. 1).

Portanto, por definição, as ilustrações têm obviamente, como o próprio nome diz, o caráter e a função de ilustrar, enfeitar.

As ilustrações podem ser caracterizadas por fornecerem o aspecto decorativo do enredo, de formas simples ou complexas, realistas e surreais, e o artista escolhido pode ter seu próprio estilo refletido nas páginas: “A ilustração serve para comunicar uma ideia de uma forma mais clara e objetiva, diferente de um desenho que por si só apenas é uma forma de exercitar o traço e de aquecer a mão ao fazer esboços” (CONCEITO, 2020, p. 1).

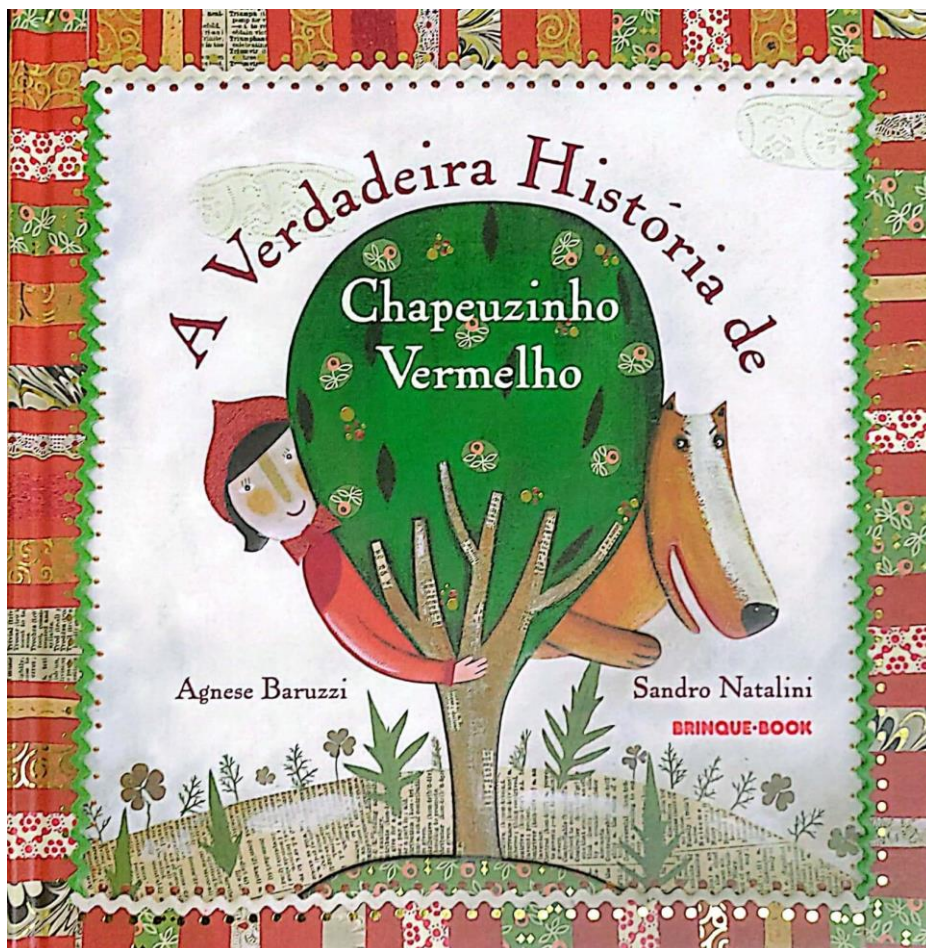
Desse modo, a ilustração pode ser representada como um meio de comunicação da mensagem para o leitor. Percebe-se que através das ilustrações, com texturas, objetos que são removíveis, os autores buscaram a interação com o leitor, como se ele mesmo estivesse participando efetivamente da história.

Nota-se a habilidade dos ilustradores em retratar o cotidiano dos personagens, suas expressões faciais em diferentes momentos de emoção, e como, com muita habilidade procuraram também divertir o leitor com cores vivas e “neste livro, o jogo com as imagens acontece de forma harmoniosa, como pano de fundo que varia em cada página, com expressões dos personagens de acordo com os acontecimentos que e gravuras que sobressaem o texto escrito, dando vivacidade ao mesmo” (SANTOS 2010, p.34).

Em A Verdadeira História de Chapeuzinho Vermelho, a ousadia pode chamar a atenção logo à primeira vista, devido à maneira em que Sandro Natalini ilustrou a capa do livro já que conforme Santos (2010, p. 33) “o livro logo pela capa, já consegue atrair o leitor pelo seu colorido, seus relevos e sua ilustração. Por conta do seu formato arrojado, com ilustrações com movimento, presença de brilhos e tecidos e um colorido que chama”.

Representado na figura 6:

Figura 6: A Verdadeira História de Chapeuzinho Vermelho



Fonte: BARUZZI, 2013.

Outro exemplo, a ilustração da página 2 do livro, a qual contém um bilhete do Lobo para a Chapeuzinho, dentro do envelope. Um recurso que atíça a curiosidade da criança em ler o bilhete e a transporta para dentro da história, como o simples fato de poder pegar o bilhete escrito pelo Lobo conforme Figura 7:

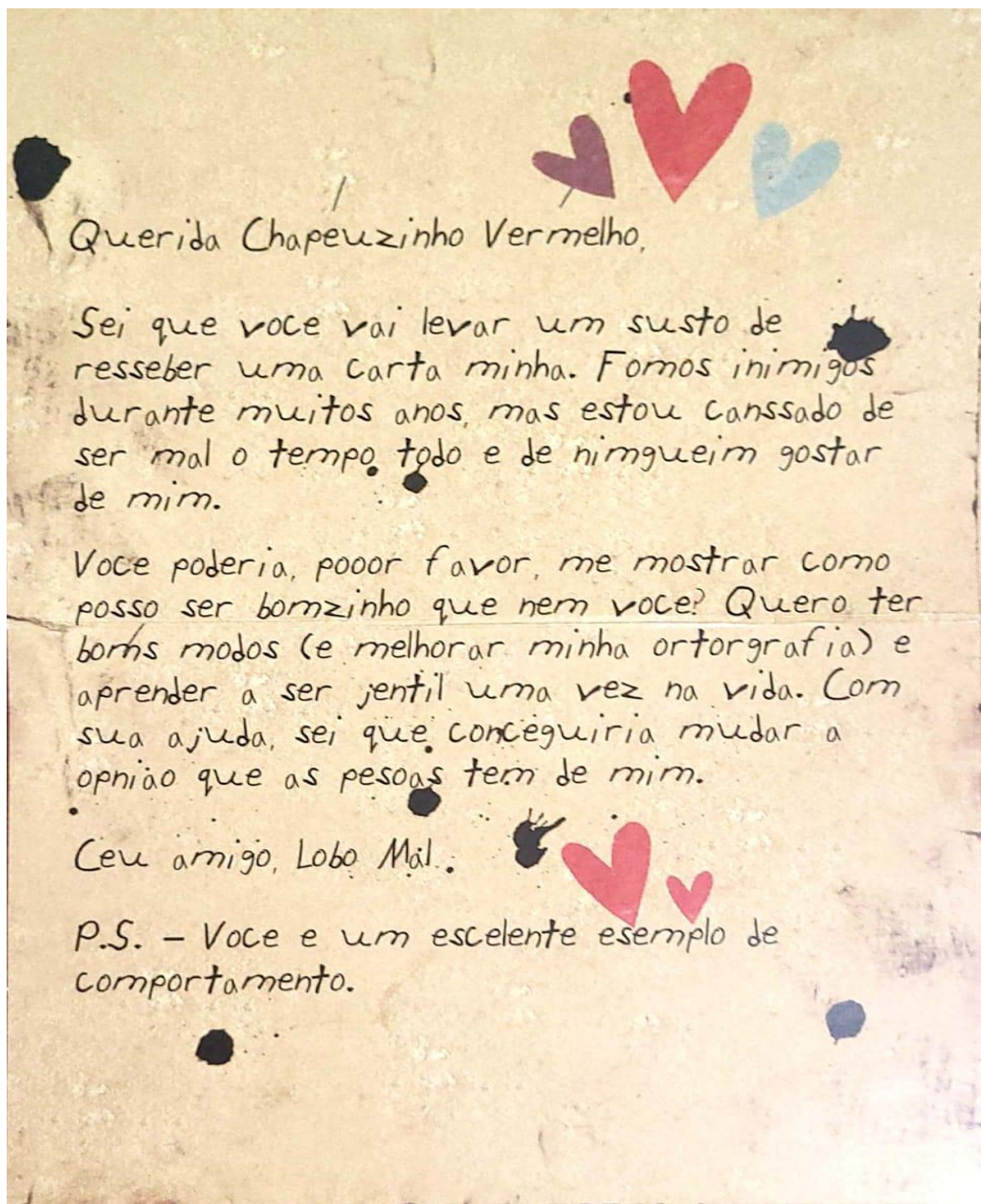
Figura 7: Bilhete do Lobo no envelope



Fonte: BARUZZI, 2013, p. 2.

Na figura 8, o bilhete do Lobo para a Chapeuzinho, chama atenção do leitor pelos erros de ortografia, pela mensagem em si que diz sobre a vontade do Lobo em melhorar, ou seja, de se tornar um Lobo bom, de bons modos, gentil e inclusive melhorar sua ortografia. E assim, pede ajuda para a Chapeuzinho já que ela é um “exemplo de bom comportamento”:

Figura 8: Bilhete do Lobo á Chapeuzinho



Na ilustração abaixo, figura 9, Chapeuzinho e Lobo conversam por telefone. A ilustração contém vários detalhes, o colorido, os aparelhos de telefones, a gravata xadrez do Lobo e a em forma de borboleta da roupa vermelha da Chapeuzinho e a expressão facial dos dois. Na sequência o leitor pode perceber que o Lobo vai até a casa da Chapeuzinho, pois tem uma placa explicativa na porta da casa.

Figura 9: Conversa por telefone



Fonte: BARUZZI, 2013, p. 3

CAPÍTULO 3 - O SIGNIFICADO ENCONTRADO NAS HISTÓRIAS E CONTOS

Muitas das novas histórias de contos de fadas são recontos de antigos enredos originais. Os autores atuais podem utilizar estes clássicos literários, inclusive, para emitir alguma reflexão sobre a sociedade contemporânea, englobando situações, desafios e debates, que são pertinentes na atualidade.

Desse modo, percebe-se a busca dos autores por trazer novos elementos pras histórias, mas mantendo o encantamento das personagens originais, incluindo o cuidado e sutileza nas ilustrações.

Nota-se que, ao tratar-se de narrativas as quais expressam uma mensagem, a importância da leitura e do incentivo público de atividades artísticas.

As mais variadas formas de representação da literatura e da arte quando impulsionadas corretamente, com incentivo à educação, pode ser de fundamental relevância para o avanço da sociedade e do pensamento crítico, já desde a infância.

3.1 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE AS HISTÓRIAS

Pode-se notar que, mesmo se tratando de histórias clássicas que possam ser baseadas em enredos originais, clássicos ou não, alguns autores podem optar por aproximar sua narrativa das anteriores, possivelmente, escolhendo uma versão de sua preferência para aquele ângulo em que se propõe focar. A intensidade da aproximação pode depender do quanto o autor pretende utilizar como base o enredo original, e o quanto de elementos novos ele pretende introduzir.

Diante disso, o leitor pode, ao se debruçar sobre a leitura, notar algumas características familiares e “após a leitura do livro, podemos perceber que vários personagens de outros contos aparecem na história assumindo papéis diferentes do que estamos acostumados a ver nos clássicos. Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau também assumem características apresentadas antes.” (SANTOS, 2010 p.44). Por se tratar de um reconto, é importante observar alguns pontos sobre as personagens apresentadas na obra de Baruzzi e Natalini.

Sobre a personagem Chapeuzinho Vermelho:

Antes, a figura de Chapeuzinho era formada por uma contemplação do ideal, principalmente, na época em que a história foi escrita pelos Irmãos Grimm, uma menina frágil e inocente que cai nas garras do Lobo Mau, ao desobedecer a sua

mãe. A bondade de Chapeuzinho e a inocência de se deixar levar e pela astúcia do Lobo fazem dela uma personagem amada por todos. (SANTOS, 2010, p.44)

Nesse sentido, tinha-se a percepção dessa personagem construída no imaginário popular, a qual por sua ação movida pela inocência, sendo seduzida pelo Lobo Mau, sem absolutamente nenhuma resistência, e esta foi à versão mais difundida e conhecida ao longo dos anos, servindo como elemento de base para que, até mesmo na versão dos autores Agnese Baruzzi e Sandro Natalini fosse o ponto de partida do enredo, afinal, tanto a Chapeuzinho e os outros personagens centrais da história recontada, são os originais, mesmo com as suas respectivas diferenças comportamentais.

Pode-se ressaltar a respeito da versão dos Irmãos Grimm:

Em "João e Maria", a bruxa só planejou devorar as crianças; em "Chapeuzinho Vermelho" o lobo engole realmente a avó e a menina. "Chapeuzinho Vermelho," como a maioria dos contos de fadas, possui muitas versões diferentes. A mais popular é a dos Irmãos Grimm, na qual Chapeuzinho e a avó voltam a viver e o lobo recebe um castigo bem merecido (BETTLEHEIM, 2002, p. 180).

Nesse contexto, a história contada por Baruzzi e Natalini, perpassa os personagens originais aos poucos, à medida que já se podem perceber algumas diferenças no enredo central, principalmente no que diz respeito ao Lobo Mau, um dos principais elementos do conto:

Quanto aos lobos, eles aparecem com todos os tipos, e entre eles os lobos gentis são os mais perigosos, especialmente os que seguem as mocinhas nas ruas, até mesmo à casa delas. Perrault não desejava apenas entreter o público, mas dar uma lição de moral específica com cada um de seus contos. Por isso é compreensível que ele os modificasse de acordo com o que desejava. (BETTELHEIM, 2002, p. 181)

Diante disso, o Lobo pode ser interpretado de acordo com as épocas em que foi escrito ao longo dos anos, geralmente como aquela figura masculina amedrontadora com metáforas ao que alguns estudiosos podem atribuir ao homem em si, não apenas na figura do Lobo, mas também na do caçador, cujas características na versão de Baruzzi e Natalini, podem ser analisadas e relacionadas com questões comportamentais mais modernas, gerando um distanciamento temporal entre as obras.

Esse pavor causado pela figura do Lobo Mau pode ser destacada de forma psicológica:

É como se Chapeuzinho tentasse entender a natureza contraditória do homem vivenciando todos os aspectos da personalidade dele: as tendências egoístas, associas, violentas e potencialmente destrutivas do id (o lobo); e as propensões altruístas, sociais, reflexivas e protetoras do ego (o caçador). (BETTELHEIM, 2002, p.185)

Assim, Chapeuzinho segue sua saga de uma forma mais adequada ao século em que se passa, destacando a importância de lutas contemporâneas que dizem respeito às mulheres, como por exemplo, a participação do homem nas tarefas de casa, e outras como o vegetarianismo, usado aqui, de certa forma, em tom de ironia, pelos precedentes do Lobo.

Para que o Lobo, posteriormente, seja colocado em situações inusitadas, “Chapeuzinho atende ao pedido do Lobo e chama-o a sua casa. Diz-lhe ela: Vamos começar logo com sua reeducação. A regra mais importante é “NADA DE CARNE”, assim mesmo, em letras maiúsculas. Preocupação com a saúde do Lobo em mais um movimento politicamente correto? Talvez” (BARUZZI, 2008, p. 4).

Com o desenrolar do enredo do Lobo, ao se retratar, e conseguir uma imagem de “bonzinho” junto à comunidade, o leitor começa a perceber a mudança no comportamento de Chapeuzinho, incomodada com a popularidade do Lobo, algo completamente distante do roteiro original das versões anteriores.

A reviravolta ocorre quando Chapeuzinho apronta uma armadilha ao Lobo, possivelmente, já tendo em mente, todo desfecho que esta atitude iria provocar, novamente, fatores que podem ser considerados de distanciamento com o que foi previamente tratado no conto original, onde conforme Bettelheim (2002, p. 181), “acontecem perguntas bem conhecidas sobre os olhos, orelhas e dentes grandes da Avó. O lobo responde a esta última pergunta dizendo: "São para te comer melhor". E, pronunciando “estas palavras, atira-se sobre a Capinha Vermelha e devora-a”.

Neste novo desfecho:

A sedução é pela comida, e faz sentido cogitar que a escolha da Chapeuzinho é pelo que mais calaria fundo no desejo do destinatário. A trapaça se encontra precisamente num “sanduíche misterioso”, que reverte a total abstinência de carne da dieta da personagem que se tornara bonzinho e vegetariano, ou seja, que não “comia” ninguém: “Assim que o Lobo deu uma mordida no sanduíche misterioso, ele voltou a ser o malvado de antes”. (MAFFEI, 2008, p 55)

Percebe-se então, na conclusão do conto, que, ao proporcionar a redenção do Lobo, a Chapeuzinho, diferentemente das outras versões, faz uma armadilha para ele, que voltou a ser o mesmo Lobo Mau de sempre. Com isso, a autora buscou aproximar os contos novamente, de uma forma original, fazendo tudo voltar a ser “como antes”, ou seja, o Lobo

malvado assombrando a floresta e ela, a Chapeuzinho, a menina boazinha e querida pela comunidade.

3.2 COMPARATIVO DOS CONTOS “A VERDADEIRA HISTÓRIA DO CHAPEUZINHO VERMELHO” E “A FADA QUE TINHA IDÉIAS”

Segundo Barthes (2013) a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo, opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida.

Para o autor Barthes (2013) toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos fundamentais, sem os quais não pode existir. Sem os acontecimentos não é possível contar uma história. Quem vive os acontecimentos são as personagens, em tempos e espaços determinados. Por fim, é necessária a presença de um narrador — elemento fundamental à narrativa — uma vez que é ele que transmite a história, fazendo a mediação entre esta e o ouvinte, leitor ou espectador.

Outro elemento apontado é o enredo, pois ele é o tema ou o assunto da história que pode ser contada de maneira linear ou não linear, por isso, os acontecimentos que compõem o enredo de uma história podem estar destacados de maneira linear, na sequência temporal em que se passaram. Conforme Gancho trata-se de um “enredo de ação” (GANCHO, 2004, p. 13), em que os acontecimentos equivalem a ações concretas das personagens. Enredos de ação correspondem ao modo tradicional de narrar.

Existem também alguns tipos de enredo psicológicos focado nos pensamentos dos personagens. A história pode ser narrada de maneira cronológica, seguindo as ocorrências das ações. Segundo Gancho, enredos em que os acontecimentos estão organizados de maneira não-linear são os psicológicos, que normalmente correspondem ao modo moderno de narrar. Nas narrativas psicológicas, o enredo é estruturado a partir da mente do narrador ou de uma personagem (não sendo incomum tratar-se, nestas narrativas, de um narrador-personagem) (GANCHO, 2004, p.13). A narração, com frequência, tem um tempo que determina o período em que a história se passa.

Tanto na obra tradicional quanto na moderna temos o narrador onisciente neutro: “A narração de acontecimentos e a descrição de ambientes precedem de um modo neutro, impessoal, sem que o narrador tome partido ou defenda algum ponto de vista.” (D’ONOFRIO, 2007, p. 51).

Quanto ao espaço, conforme D’Onofrio, todo o texto literário possui seu espaço, na medida em que se encerra um pedaço da realidade, estabelecendo uma fronteira entre ela e o mundo imaginário. O espaço da ficção constitui o cenário da obra, onde as personagens vivem seus atos e sentimentos. (D’ONOFRIO, 2007, p. 83).

Percebe-se que *A Verdadeira História de Chapeuzinho Vermelho*, quanto *A Fada Que Tinha Ideias* são contos, pois o imaginário e o real estão presentes na obra. Relativo à estrutura, para D’Onofrio, (2007, p. 94):

A narrativa popular apresenta peculiaridades inerentes às suas características de anonimato e de oralidade. Além de não conhecermos o nome do autor e do narrador, também as personagens que vivem os fatos são inominadas. São identificadas por uma competência interiorizada, pela função que exercem ou por atributos: o rei, o caçador, Cinderela, o lobo etc. Tal indeterminação atinge ainda categorias do tempo e do espaço. Não aparece o nome de países ou das cidades onde os fatos acontecem. A fórmula “Era uma vez...”, além de assinalar a entrada no mundo mágico na ficção, remete se há um tempo indefinido, eterno, que pode ser o pretérito, o presente ou o futuro, pois o passado mítico se renova constantemente, tornando se paradigmático.

Nesse contexto, é importante ressaltar que esta indeterminação no atributo de algumas características, pode exorbitar a categoria dos personagens e também se estender a outros elementos do texto, como o espaço, por exemplo.

Em ambos os contos aqui comparados têm-se o narrador, temos os personagens que vivem as histórias os animais, o tempo, o espaço. Percebe-se que a Literatura Infantil pode ser importante para a formação da criança, e a riqueza do conteúdo coloca a criança em contato com um mundo diferente do habitual já que, por exemplo, contos de Chapeuzinho Vermelho o livro contém cenas da história, com imagens da menina, da floresta, da casa da avó, da mãe, da avó, do caçador, do lobo mau. As principais personagens são Chapeuzinho Vermelho, a mãe da menina, a avó, o caçador, o lobo e os animais da floresta. No conto *A Fada que Tinha Ideias*, os principais personagens, conforme o quadro abaixo, são Clara Luz, Dona Relâmpaga, Fada Mãe, Gota, Rainha e Relampinho.

O quadro 1, apresenta o comparativo dos dois contos, será feita uma análise comparativa dos contos *A Verdadeira História do Chapeuzinho Vermelho* que será representado no quadro como conto 1 e *A Fada Que Tinha Ideias* como conto 2:

Quadro 1: Comparativo dos dois contos

	CONTO 1	CONTO 2
TEMPO	Presente	Passado
ESPAÇO	Floresta	Mundo encantado das fadas
PERSONAGENS	Chapeuzinho, vovozinha, mamãe, repórter, lobo mau, lenhador.	Clara luz, fada-mãe, gota, relampinho, rainha, Dona Relâmpaga
NARRADOR	Observador	Onisciente neutro
ENREDO	Linear	Psicológico

Fonte: Autora, 2022.

Diante do exposto do quadro, pôde-se analisar as diferenças entre as duas obras, mesmo se tratando de ambas serem contos de fadas, O conteúdo lúdico está presente nos dois contos, porém de forma diferente e, ambos, possuem uma mensagem ou “moral” reflexiva, referente aos propósitos com os quais os autores tinham como objetivo alcançar.

Por isso, os autores recorreram a diferentes recursos de escrita, escolhas de diferentes narradores, formas de estrutura de enredo e ambos, com muita habilidade, conduziram o leitor a uma experiência única, mesmo no caso do reconto da história da Chapeuzinho Vermelho, pois sabe-se que se trata de um conto clássico, porém os autores o trouxeram para o contexto das discussões atuais inserindo no enredo novos elementos na narrativa, inovando a maneira a qual se aborda os personagens da história, principalmente o Lobo, depois, fazendo um desfecho surpreendente e interessante,

Já no caso do conto A Fada que Tinha Ideias, percebe-se a intenção da autora em fazer uma discussão acerca do contexto social da época em que foi escrito: o período do regime militar. Para isso, a autora utilizou recursos, como mostra o quadro de comparativos, mais subjetivos, focando no interior dos personagens, ou seja, seus pensamentos e ideias.

Este conto possui uma mensagem sutil e é habilmente introduzida pela autora, possivelmente, para que sua obra não se esbarrasse em censura, que era prática comum à época. O narrador, os personagens e o tipo de enredo, referentes às obras e descritos na tabela, são dados da obra que podem ressaltar o estilo dos autores e suas percepções sobre o conteúdo do seu trabalho, pois, para que seja possível reescrever um conto, é preciso ter conhecimento prévio sobre suas principais personagens e do enredo original e ter um

objetivo claro de inserir novos elementos à história e de quais estruturas serão mantidas ou alteradas.

Já para criar um enredo original, como mostra a tabela, nota-se que a autora precisa inventar todos os personagens, toda estrutura, espaço, tempo e mensagem, utilizando um mundo encantado fictício, para fazer uma discussão sobre problemas reais.

Ao destacar todos os aspectos analisados não há como ressaltar que uma obra seja mais importantes ou relevantes que outra. Cabe apontar que cada uma ao seu tempo contribui como relevante obra representante da Literatura Infantil.

3.3 CONTEXTUALIZAÇÃO E RELEVÂNCIA SOCIAL DAS HISTÓRIAS

Percebe-se que, com frequência, muitas obras literárias retratam o período histórico em que a trama foi escrita ou se passa. Essas podem refletir o comportamento social em que o processo de desenvolvimento se encontrava, bem como o modo de pensamento dos indivíduos, seus costumes, o tipo de regime político da época, dentre outros fatores.

A figura central de *A Fada Que Tinha Ideias*, a personagem Clara Luz, pode ser analisada, como apontam alguns estudos e pesquisas feitas sobre o livro, do ponto de vista sociocultural do período do regime militar imposto no Brasil em 1964.

Nesse sentido, a autora pode ter utilizado a fada “do contra”, possivelmente, para retratar a dificuldade de se expressar opiniões diferentes naquele período particular, onde cada ideia considerada “diferente” poderia ser imediatamente suprimida:

Como se pode verificar, a figura central de *A fada que tinha ideias* é símbolo do antiautoritarismo: seja por não se render às impositivas receitas de mágica do Livro das Fadas, seja por nunca se afligir com o despotismo da Rainha das Fadas, monarca sempre severa com suas súditas. A autêntica Clara Luz insurge contra as lições petrificadas dos Livros das Fadas e busca o inexplorado. (CUNHA, 2014, p. 88).

Nota-se, durante a história, o esforço da autora para retratar a realidade da fadinha que “tem ideias”, e estes pensamentos não serem exatamente convencionais para a comunidade em que viviam e muito menos para a Rainha, que é retratada como “velha” e “rabugenta”. O “velha” aqui pode muito bem ser as estruturas sociais, a forma retrógrada que causa tédio na jovem fada, e o “rabugenta” pode ser o autoritarismo presente das estruturas sociais da época.

Vale ressaltar que muitos autores podiam, com frequência, ocultar a mensagem de suas obras para que não fossem censurados:

Torna-se válido reportar-se ao tema da liberdade de expressão nos anos 1970, período em que o Brasil vivia uma das mais duras experiências de repressão exercida pelo governo ditatorial. Nesse sentido, o livro *A fada que tinha ideias* pode ser entendido como uma alegoria sobre a relutância à brutal censura do regime militar que, cerceando as liberdades, despertava a busca por um novo existir (CUNHA, 2014, p. 89)

Portanto, é importante destacar a relevância do contexto em que esta obra foi concebida, em meio a um ambiente de supressão dos direitos democráticos populares onde era proibido pensar diferente, em analogia com a fadinha Clara Luz que lutava para expor suas ideias.

Já na obra *A Verdadeira História de Chapeuzinho Vermelho*, a autora Agnese Baruzzi e o ilustrador Sandro Natalini buscaram retratar o outro lado dos personagens, trazendo-os para uma discussão mais contemporânea, atual, com um contexto social diferente do que trata o enredo original:

Baruzzi e Natalini trazem pra história características dos personagens que se aproximam com a realidade do contexto histórico em que vivemos em que não podemos confiar plenamente nas pessoas e ninguém está livre de cometer maldades quando somos provocados negativamente (SANTOS 2010, p.51).

Os personagens principais são trazidos para o contexto atual, discutindo sobre vegetarianismo e o homem ajudando nas tarefas de casa, por exemplo, mas de uma forma lúdica e ilustrativa, que caiba dentro da absorção do público ao qual é destinado.

Esta característica da obra pode ser debatida e terem-se opiniões diferentes acerca da mensagem percebida “entretanto, sua proposta não vai além de uma ludicidade, sem tons moralistas que a criança deve absorver, até porque os atrativos que são trazidos pelo livro não permitem que a criança se envolva integralmente com a história, mas sim com seus aspectos ilustrativos”. (SANTOS 2010, p.51)

Nota-se que a preocupação dos autores estava, possivelmente, em um primeiro momento, inovar, inclusive, também pensando em atualizar as ilustrações com uma roupagem nova, que se misturasse com o novo enredo proposto, cuja sugestão é a redenção do Lobo (a figura masculina, patriarcal) e o empoderamento da Chapeuzinho (a mulher moderna).

Diante desse contexto, “a literatura infantil nos abre um leque de possibilidades que permite trabalhar questões ligadas ao processo de construção do indivíduo” (SANTOS, 2010, p. 51). E falar sobre literatura é, sem dúvidas, falar sobre a imaginação. Sosa (1982) assinala a importância da literatura infantil como etapa criadora dentro do problema geral da

imaginação, uma vez que não se sabe bem em que idade, nem em que forma e circunstâncias ela aparece na criança. O mesmo autor afirma que a imaginação é a “faculdade soberana” e a forma mais elevada de desenvolvimento intelectual. Se em outros componentes curriculares atenta-se a conteúdos significativos para as crianças, na literatura infantil encontra-se o espaço privilegiado para estimular o sujeito como elemento gerador das hipóteses mágicas.

Assim, a fantasia dos contos de fadas ou não (fadas) é fundamental para o desenvolvimento da criança. Há significados mais profundos nos contos de fadas que se contam na infância do que na verdade a vida adulta ensina. É por meio dos contos infantis que a criança desenvolve seus sentimentos, emoções e aprende a lidar com essas sensações.

“Se se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não falem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim suave e docemente que se despertam consciências”. (Jean de La Fontaine, século XVII)

Segundo La Fontaine, os contos de fadas funcionam como instrumentos para a descoberta desses sentimentos dentro da criança (ou até mesmo de adultos), pois os mesmos são capazes de nos envolver em seu enredo, de nos instigar a mente e comover-nos com a sorte de seus personagens. Causam impactos em nosso psiquismo, porque tratam das experiências cotidianas, permitindo que nos identifiquemos com as dificuldades ou alegrias de seus heróis, cujos feitos narrados expressam, em suma, a condição humana frente às provações da vida.

Assim o uso da literatura infantil é bastante abrangente, visto que o conhecimento prévio sobre aquele tema o qual se está debatendo, pode auxiliar na formação sobre a classificação, inclusive dos livros que nos debruçamos a entender. Portanto, a comparação das narrativas tanto no que diz respeito à versão antiga e atual da Chapeuzinho Vermelho, quanto da contextualização da obra *A Fada que tinha Ideias*, se torna essencial para que reflita sobre questões importantes daquele e do nosso tempo.

A escolha de narrativas que envolvam setores da sociedade historicamente oprimidos, pode fazer com que o leitor questione seu papel na sociedade:

A comunicação literária se produz desde o início e o que progride é a capacidade de construir um sentido através dos caminhos assinalados. Isto sustenta a ideia educativa de que a formação leitora deve se dirigir desde o começo ao diálogo entre o indivíduo e a cultura, ao uso da literatura para comparar-se a si mesmo com esse horizonte de vozes [...] O trabalho escolar sobre as obras deve orientar-se, pois, para a descoberta do seu sentido global, a estrutura simbólica onde o leitor pode projetar-se. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Tal recompensa é o que justifica o esforço de ler. (COLOMER, 2007, p. 62).

Nesse sentido, é importante ressaltar o papel relevante da leitura desses contos nas salas de aula, pois sua contribuição para que os alunos se interessem por interpretar o mundo em que vivem, pode vir através da leitura de uma obra como *A Fada Que Tinha Ideias* ou *A Verdadeira História de Chapeuzinho Vermelho*, uma vez que a apreciação do conteúdo dessas obras pode gerar identificação em qualquer pessoa e de todas as faixas etárias, e esta compreensão de si próprio e dos outros, tem início, muitas vezes num conto de fadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo a respeito do tema que aborda as distorções e subjetividade nos contos de fada buscou compreender, de forma breve, as principais características da literatura infantil e alguns de seus aspectos, destacando a importância que essas histórias representam na cultura popular, sua influência no imaginário de todas as faixas etárias e como esta repercussão e abordagem pode contribuir para a produção literária, principalmente a voltada para o público infantil.

Diante desse contexto, este trabalho pretendeu ressaltar os processos de criação que envolvem a escrita dos contos, perpassando algumas técnicas utilizadas por alguns dos mais notórios autores de contos de fadas. Além disso, buscou apresentar elementos que possam auxiliar na compreensão histórica dos contos, quando surgiram, de que forma se tornaram populares, e quais aspectos comportamentais e psicológicos, muitas vezes contidos nas narrativas de forma mais explícita ou sutil, contribuem para discussões que estavam acontecendo no interior da sociedade tanto na época em que foram escritos, quanto como estas pautas ainda são abordadas nos dias de hoje.

Nesse sentido, foi abordada, neste trabalho, a moral dos contos de fadas, ou seja, qual mensagem eles trazem, como perduraram suas narrativas diante dos séculos, talvez se adaptando aos novos tempos, ou foram os novos tempos que se adaptaram aos contos?

Percebe-se que, é importante em uma exposição que trata das obras voltadas ao público e imaginário popular, principalmente entre as crianças e adolescentes, ressaltar de que forma a ludicidade dos contos contribuem para a subjetividade e qual cuidado podemos ter para não distorcer seu conteúdo.

Considera-se, porém, que apesar do teor infantil de alguns contos, muitas vezes, sua moral ou mensagem é reflexiva, sugerindo questionamentos em qualquer faixa etária. Até mesmo porque o mundo em que vivemos encontra-se marcado pela degradação do seio familiar e pela proliferação da violência atingindo também as crianças em que os valores éticos e morais estão se degradando.

Desse modo, buscou-se resgatar os valores nos contos estudados, para atender os propósitos pedagógicos da cultura, conforme seu contexto. E, para isso, buscou-se embasar em leituras de obras de alguns autores, os quais embasaram teoricamente a produção deste trabalho, sendo alguns deles especialistas em psicanálise dos contos de fadas, cuja pesquisa utilizou de métodos de classificação de personalidades, personificações dos personagens, análises teóricas de comportamentos sociais da época em que foram escritos os contos,

dentre outros elementos. Outros autores, no entanto, optaram por diferentes rumos de pesquisa, como por exemplo, a parte gramatical dos contos em si, regras ortográficas, narrativas, estruturas de texto, dentre outros.

Este estudo buscou ainda, demonstrar e analisar a obra de alguns autores dos novos contos de fadas, ou seja, alguns daqueles que estão produzindo recontos, utilizando os enredos originais como base para novas histórias, narrativas, problematizações de cunho mais atual e moderno. Os autores dos novos contos fazem releituras que podem ser atrativas ao público e também servir de fonte de pesquisa para a continuação de uma produção cultural gigantesca que envolve o mundo da fantasia e as aventuras dos personagens, em todos os formatos de mídia, *marketing*, dispositivos, plataformas digitais das mais variadas e inimagináveis formas.

Outro ponto relevante observado em cada conto são as imagens que são ricas no sentido de dar um maior suporte e até mesmo maior vivacidade ao texto, permitindo, dessa forma, uma análise sobre elas, principalmente na obra *A verdadeira história de chapeuzinho vermelho*. Já na capa, pode ser vista a presença não só da Chapeuzinho Vermelho, como também a do Lobo, posicionados um ao lado do outro, separados apenas por uma árvore. Analisando esta imagem, pode-se perceber que o autor coloca a menina no mesmo patamar que o da fera, subentendendo-se que os dois estão de igual valor na história e que apesar do título só conter o nome da menina, o Lobo tem grande importância na construção da trama.

Já na Fada que tinha ideias, observou-se que as lindas aquarelas ilustram a história e essas ilustrações reforçam, artisticamente, a atmosfera de magia criada pelo texto. Com sua vara de condão, Clara Luz quer experimentar o novo, quer se lançar no risco da novidade. Os representantes do velho mundo, na narrativa de Fernanda Lopes de Almeida, como as fadas-mães e a velha Rainha-fada, têm os horizontes fechados e se opõem à visão inovadora da menina-fada. E, assim, contrariando todos os modelos embolorados das mágicas tradicionais, Clara realiza suas idéias de criação e faz a chuva cair colorida, brinca de modelagem com as nuvens desenhando bichos no céu e inventa uma festa no céu com teatro e muita música.

Por fim, pode-se destacar que, conforme foi abordado neste estudo, é de suma importância a interpretação crítica dos contos de fada, bem como de qualquer obra literária, pois estas podem, com frequência, estar contidas de muitas reflexões importantes para nossa evolução pessoal.

Por isso, deve-se ressaltar que, o processo de desenvolvimento literário tem enorme relevância social, e as crianças, jovens e adultos que têm contato com a leitura podem obter

uma maior diversidade de conhecimento sobre assuntos variados, aumentar sua habilidade de reter e compartilhar informações em seu grupo. As histórias de contos de fadas podem trazer riqueza e emoção ao realizar a leitura, transportando o leitor para um mundo de fantasias que só é possível quando se mergulha de cabeça nestas narrativas incríveis, de ontem e de hoje.

A leitura pode ser particular e ter um significado diferente para cada leitor, engatilhando a identificação de forma subjetiva e pessoal e este trabalho procurou, também, contribuir para esta importante discussão acerca dos elementos que perpassam o desenvolvimento dessa atividade essencial e tão ampla em seus aspectos que é a produção literária.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland; et al. **Análise estrutural da narrativa**. 8. Ed. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARROS, Jussara de. **Incentivo a leitura nas séries iniciais**. Disponível em: <<https://m.educador.brasilecola.uol.com.br/amp/orientacoes/incentivo-leitura-nas-series-iniciais.htm>>. Acesso em: 05 jun 2022.

BARUZZI, Agnese. **A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho**. Tradução Índigo. Ilustração Sandro Natalini. São Paulo: Brinque-Book, 2008.

_____. **A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho**. Tradução: Índigo. Ilustração: Sandro Natalini. In: *Reino Unido (2007). The Templar Company ple* sob título: *The True Story of Little Red Riding Hood*. 6ª Reimpressão. São Paulo: Brinque-book. 2013.

_____. **A verdadeira história de Cachinhos Dourados**. Tradução: Gilda de Aquino. Ilustração: Sandro Natalini. In: *Reino Unido (2009). The Templar Company ple* sob título: *The True Story of Goldiloks*. 1ª ed. São Paulo: Brinque-book. 2014.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BNP-BIBLIOTECA NACIONAL PORTUGUESA. Sobre a bibliografia nacional. Resultado de pesquisa autor: BARUZZI, Agnese, 1980 -14 reg. enc. 2022. Disponível em: <https://bibliografia.bnportugal.gov.pt/bnp/bnp.exe/q?mfn=220544&qf_AU==BARUZZI%2C%20AGNESE%2C%201980->> Acesso em: 04 jun 2022.

BRÉMOND, Claude. **A lógica dos possíveis narrativos**. In: VÁRIOS. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1972.

CASTRO, Mayara Corrêa. **A fada que tinha ideias**: Fernanda Lopes de Almeida. Blog: As melhores partes dos livros que li. 2013. Disponível em: <<http://asmelhorespartes.blogspot.com/2013/01/a-fada-que-tinha-ideias-fernanda-lobes.html?m=1>> . Acesso em: 04 jun 2022.

COELHO, N. N. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

CONCEITO, Equipe editorial de. **Conceito de ilustração**. (7 de maio de 2012) atualizado em 2020. Disponível em: <https://conceito.de/ilustracao>. Acesso em: 05 jun 2022.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria & prática**. 18ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

CUNHA, Eliete Aparecida de Paula. **Ruptura e renovação no conta de fadas brasileiro**: Emília, Clara Luz e leitor em pareceria lúdica. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior, Juiz de Fora. 2014.

DELORY, M. C. **A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas.** In: ABRAHÃO, M. H. M. B; PASSEGGI, M. (Org.). *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica: Tomo I.* Natal: EDUFRN: Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador, EDUNEB, 2012.

E-DOCENTE - Portal de conteúdos sobre educação pensado para o professor, mantido pelas editoras ÁTICA, SCIPIONE, SARAIVA e ATUAL. **Fernanda Lopes de Almeida.** Disponível em: <<https://www.edocente.com.br/autor/fernanda-lobes-de-almeida/>> . Acesso em: 04 jun 2022.

EDITORIALESCIENZA. **Autores e ilustradores:** Agnese Baruzzi. 2022. Disponível em: <<https://www.editorialescienza.it/it/autore/agnese-baruzzi.htm>>. Acesso em: 06 jun 2022.

EQUIPE A TABA. Livros: A fada que tinha ideias. 19 de dezembro de 2017. Blog: **ataba.com.** Disponível em: <<https://blog.ataba.com.br/fada-que-tinha-ideias/>> . Acesso em: 05 jun 2022.

FARIAS, F. R. A. de; RUBIO, J. de A.S. *Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil.* **Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 3, n.1,** 2012. Disponível em: <<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Francy.pdf>> . Acesso em: 18 mai.2022.

GANCHO, Candida Vilares. **Como analisar narrativas.** 8 ed. São Paulo: Editora Ática, 2004

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto.** 11ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à linguística textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____; BENTES, A. C; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis.** São Paulo: Cortez, 2007.

_____; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Ler e escrever: estratégias de produção textual.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Flagrantes da construção internacional dos sentidos.** In: BRAIT, B.; SOUZA E SILVA, M. (Org.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

LA FONTANE, Jean de. **Fábulas.** Belo Horizonte: Itatiaia, 2003.

MAFFEI, Luis. **O tempo do falo, o intercambio: um Camões e uma Luiza, com Chapeuzinho a meio.** Universidade Federal Fluminense. Scripta, Belo Horizonte, v. 12, n. 23, p. 48-63, 2ª sem 2008.

MORAES, Marieta. **Fernanda Lopes de Almeida**. Biografia. 04 de julho de 2014. Site:SlideShare. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/Marietamorais/fernanda-lopes-de-almeida>>. Acesso em: 04 jun 2022.

OLIVEIRA, P. S. T. de. **A construção dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças**. 62 p. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso – UNEB, Salvador, 2010.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes de. **Literatura infantojuvenil brasileira: uma literatura à guisa de prólogo**. In: DOMINGUES, Thereza da Conceição Aparecida; REDMOND, William Valentine (Org.). A literatura infantojuvenil brasileira na contemporaneidade. Juiz de Fora: Editar, 2012.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. **História do ensino da literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo (1947-2003)**. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

OLIVEIRA, M. **Contos de fadas e o desenvolvimento da imaginação**. Brasil, 2018, 42 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

RODRIGUES, Scheila. ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares; SOUZA, Antonio Escandiel de; LAUXEN, Sirlei de Lourdes; BASSO, Berenice Geschwind. **Literatura infantil: origens e tendências**. XV Seminário Internacional de Educação no Mercosul. XII Seminário Interinstitucional. II Encontro Estadual de Professores. III Curso de Práticas Socioculturais Interdisciplinares. 07 a 10 de maio de 2013. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/mercosul>>. Acesso em: 12 jun 2022.

ROGÉRIO, Cristiane. Fernanda Lopes de Almeida: aos 7 anos, escritora começou a escrever as primeiras histórias. **Revista Crescer**. 11 março 2013. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Livros-para-uma-Cuca-Bacana/Entrevistas/noticia/2013/03/fernanda-lopes-de-almeida-aos-7-anos-escritora-comecou-escrever-primeiras-historias.html>>. Acesso em: 04 jun 2022.

ROSA JUNIOR, Paulo Ailton Ferreira da; THIES, Vania Grim. Em busca dos contos de fadas na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação / 26**. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/W8gxH4kzDsGwB3vgtngpW9r/?lang=pt>. Acesso em: 02 jun 2022.

SANDRONI, Laura. **Um clássico da literatura infantil**. In: ALMEIDA, Fernanda Lopes de. A fada que tinha ideias. 28. ed. São Paulo: Ática, 2007. p. 62.

SANTOS, Luciana Queiroz. **Chapeuzinho vermelho: duas versões para tempos distintos**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – UNIRIO: Rio de Janeiro, 2010.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicol. Rev.** (Belo Horizonte) [online]. Vol.15, n.2, pp. 132-148. ISSN 1677-1168, 2009.

SOSA, Jesualdo. A Literatura Infantil. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática. 1983.

SOUZA, Gloria Pimentel Correia Botelho de. **A literatura infantojuvenil brasileira vai muito bem, obrigada!**. São Paulo: DCL, 2006.

TATAR, Maria (Org.). **Contos de fadas**. Edição comentada & ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TRES, Jenaína, et al. **Os efeitos dos contos de fadas na subjetividade**. Salão do conhecimento – ciência alimentando o Brasil, Unijuí. Rio Grande do Sul, 2016.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Globo, 2005.